

Direitos reservados a

José Elmar de Mélo Carvalho

Título

Bernardo de Carvalho, o Fundador de Bitorocara

Edição

Quarta edição digital – 2020

Capa

Gervásio Castro

Não se conhece retrato de Bernardo de Carvalho, de modo que a sua imagem foi idealizada pelo chargista.

Advertência

“Outros fariam ou farão melhor, eu fiz o que pude.”

Antônio Feliciano de Castilho

BERNARDO DE CARVALHO
O FUNDADOR DE BITOROCARA

Elmar Carvalho

2020

Não adianta tentarmos escamotear o passado, que não o mudaremos. A qualquer momento a verdade surgirá ou ressurgirá das brumas do esquecimento. De nada adianta, como almejou o velho bardo Manuel Bandeira, nos angustiarmos sobre o “que podia ter sido e que não foi”. Somos o que somos; somos o amálgama de três raças, e a nossa civilização é o cadinho do que elas construíram ao longo dos séculos.

À memória dos grandes historiadores:

- * Padre Cláudio Melo
- * Monsenhor Joaquim Chaves
- * Reginaldo Gonçalves de Lima

Aos intelectuais campomaiorenses:

- * Raimundo Nonato Monteiro de Santana
- * João Alves Filho
- * Sílvia Melo
- * Natália Oliveira
- * Membros da Academia Campomaiorense de Artes e Letras

Aos historiadores parnaibanos:

- * Lauro Andrade Correia, paladino, não obstante sua provecida idade, da preservação do Rio Parnaíba.
- * Vicente de Paula de Araújo Silva (Potência), por resgatar a memória de Bernardo de Carvalho, em artigos avulsos, com justiça e honestidade intelectual (além de ter pretendido homenageá-lo em escola de samba parnaibana).

Ao amigo Wilson Carvalho Gonçalves,

barrense como meu pai, que muito tem contribuído para a perpetuação da memória de Bernardo de Carvalho e Aguiar, e que tem difundido a História e a Literatura do Piauí em seus preciosos livros.

ÍNDICE

I – Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara

1. Duas palavras
2. Bernardo de Carvalho – O combatente com punhos de veludo
3. O fundador de Bitorocara
4. A título de apresentação
5. Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara
 - 5.I Abrem-se as cortinas
 - 5.II De Portugal para o Brasil
 - 5.III A localização da Fazenda Bitorocara
 - 5.IV As obras do senhor de Bitorocara
 - 5.V As lutas do marechal de campo
 - 5.VI Mestre das conquistas do Piauí
 - 5.VII O pacificador liberta indígenas
 - 5.VIII Bernardo de Carvalho e a ocupação do Vale do Longá
 - 5.IX História, arte e fantasia
 5. X Pobreza e morte
 5. XI Posfácio
 5. XII Bibliografia

II – Anexos

1. Cromos de Campo Maior
 - 1.1 Cromos históricos
 - 1.2 A título de apresentação
 - 1.3 Elegia a Campo Maior
 - 1.4 Cromos de Campo Maior
 - 1.5 El Pacificador
 - 1.6 Fazenda Tombador
2. A Zona Planetária
3. Oração a Campo Maior
4. Lançamento de “Confissões de um juiz” em Campo Maior
5. Cemitério velho – museu e memorial
6. A Zona Planetária e outros casarões
7. Um monumento às três raças em Campo Maior
8. Barras – histórias e saudades
9. A custódia de ouro de Oeiras
10. Pe. Cláudio Melo em três tempos
11. Quem te ensinou a voar?
12. Elmar Carvalho – o cidadão, o magistrado e o intelectual
13. Síntese biográfica

DUAS PALAVRAS

Esta é uma edição revista, melhorada e substancialmente aumentada, mormente com a inclusão de novos textos no anexo, sobretudo versando a história e o patrimônio natural e arquitetônico de Campo Maior.

Faço referência, ainda que de forma sucinta, a três importantes figuras históricas de nosso município, quase totalmente esquecidas pelos campomaiorenses. São elas: Simplício José da Silva, herói da luta contra Fidié, Raimundo Gomes Vieira Jutaí, liderança e estopim da Balaiada, e o senador José Eusébio de Carvalho Oliveira (Campo Maior, 10 de janeiro de 1869 — 25 de abril de 1925), que foi deputado federal e senador da República durante 25 anos.

Apresento várias sugestões com relação ao patrimônio natural e arquitetônico de nosso município. Aproveito a oportunidade para acrescentar que a nossa pequenina e encantada Serra Azul ou Serra de Santo Antônio, que tanto tenho cantado e exaltado, deveria ser transformada em parque de preservação ambiental, e mais bem aproveitada no turismo ecológico e na prática de esportes radicais (como arborismo, arvorismo e rapel), com a instalação de tirolesas, teleférico, balneário (piscinas e bicas), trilhas, pontos de apoio (bares, cabanas e restaurantes), além de outros equipamentos, que possam atrair turistas. Desse modo, além do lazer, do esporte e da cultura, estariam sendo criadas novas atividades econômicas e oportunidades de emprego.

O nosso pequenino e mimoso Açude Grande poderia ser revitalizado e embelezado, com um novo e arrojado projeto de despoluição, iluminação, criação de fontes luminosas e a construção de passeios e jardins, em que seriam cultivadas flores e plantas ornamentais.

O velho horto florestal, no entorno da barragem do Surubim, poderia ser reflorestado e transformado num jardim botânico e balneário (ou parque aquático), com a construção de bicas (que poderiam imitar cascatas), piscinas, bar e restaurante.

O velho cemitério, desativado há várias décadas, poderia, com sua restauração e pequenas intervenções, tais como criação de jardins, caramanchão, espaço temático sobre pilotis (para reflexões e pequenas palestras), bancos, estátuas alegóricas da Fé, da Esperança e da Caridade, etc., ser transformado num excelente museu e memorial a céu aberto.

Todas essas sugestões poderiam ser viabilizadas através de bons projetos do Poder Executivo Municipal, que poderia, assim, captar recursos junto aos governos federal e estadual, bem como através de emenda parlamentar, em nível federal e/ou estadual.

Trago novas e mais aprofundadas informações sobre Bernardo de Carvalho e a sua quase mítica Bitorocara, em virtude da aquisição de novos livros, a que só tive acesso após a primeira edição desta obra, inclusive com a inclusão de dois novos capítulos. Inseri nova documentação comprobatória do que é afirmado.

Tenho agora a certeza (e não mais apenas a convicção), em face de um novo documento que transcrevo, de que Bitorocara ficava mesmo em Campo Maior. E se não ficava em Campo Maior, ficava no céu. Só que o céu a que me refiro fica na Terra dos Carnaubais, exatamente na confluência dos rios Longá, Surubim e Jenipapo.

Fiz o melhor que pude, no dizer de Castilho. Decerto outros poderão fazer mais e melhor.

Bitorocara, 1º de maio de 2016.

Elmar Carvalho

BERNARDO DE CARVALHO – O COMBATENTE COM PUNHOS DE VELUDO

José Pedro Araújo

Historiador, cronista, contista e romancista.

Prefaciador a nova edição de um livro, já com prefácio anterior, é uma tarefa para gente grande, maior que eu. E nesse caso específico, se o trabalho anterior tiver sido realizado pelo insigne acadêmico Reginaldo Miranda, profundo conhecedor da historiografia piauiense, e com vários livros lançados sobre a história do Piauí, aí a tarefa ganha contornos de superação. Entretanto, não costumo fugir às minhas responsabilidades, mesmo correndo riscos, como no presente caso.

O autor deste trabalho sobre uma das figuras mais importantes da colonização do espaço que viria a se tornar o território piauiense, Bernardo de Carvalho e Aguiar, é, acima de tudo, um escritor que difere dos seus pares de modo acentuado e continuado. Primeiro, por abandonar a velha máquina de escrever ainda nos primórdios do lançamento do computador pessoal (PC), para adotar um deles como ferramenta de trabalho, e isso em um tempo em que esses bichos cibernéticos se constituíam em algo tão amedrontador para a maioria dos literatos, que sequer admitia ter um a alguns quilômetros de distância da sua casa. E não satisfeito com isso, o nosso incansável Poeta resolveu aventurar-se ainda mais no mundo virtual ao lançar um blog para publicar alguns de seus trabalhos na internet. Supremo arrojo, inegável ato de coragem; jogou-se de corpo inteiro na cova dos leões, expondo-se às feras que se escondem na escuridão do anonimato.

Agora foi mais além, e constitui-se no primeiro escritor piauiense de estofa a publicar seus livros eletronicamente, na forma de e-books. O mínimo que se pode dizer do prefaciado é que é perfeitamente antenado com as transformações por que passa o mundo hoje. E não há como discordar da ideia dele, de que a boa literatura deve extravasar fronteiras, pôr-se ao alcance de mais e mais leitores, atingindo um raio maior de abrangência também.

Deste modo, saúdo com incontáveis salvas de palmas o lançamento eletrônico do **Bernardo de Carvalho**. O autor, que por vezes sem conta, afirma não gostar de escrever sobre história, por ser avesso à pesquisa, desmentiu-se, pois apresenta um trabalho com cheiro e gosto do suor emanado por aqueles que se debruçam incansáveis sobre velhos e amarrotados livros ou calhamaços de papéis corroídos por um batalhão de traças destruidoras. Saúdo-o, principalmente, por essa inescapável vontade que tem de louvar a sua terra, cantá-la em versos ou lembrar a sua história pelas mais diversas formas que o seu talento lhe oferece. Concordamos em gênero, número e grau com o maranhense João Lisboa quando ele afirma que “Da nossa parte, entendemos que em só reproduzir pura e simplesmente o que anda por aí disperso já não fazemos pequeno serviço”.

O e-book sobre o herói português que eternizou o seu nome ao fundar o arraial transformado hoje na bela cidade de Campo Maior, mas não apenas por isso, uma vez que andou semeando progresso em outras direções, fundando capelas e outros arraiais, mas também por adotar um modo civilizado de convivência com os nativos, apesar da indigesta guerra travada com as muitas nações indígenas que habitavam o território. Sei bem que isso poderá parecer estranho, mas, e também, na guerra é perfeitamente possível se avaliar a verdadeira personalidade de um contendor, ao demonstrar respeito e humanidade ao adversário caído. Justifico esta afirmativa ao lembrar que o mestre de campo Bernardo de Carvalho e Aguiar assumiu o posto no auge de uma guerra sem quartel travada com o nativo, dias depois da morte violenta perpetrada contra o seu antecessor. Mesmo assim, o insigne Mestre de Campo agiu com parcimônia e respeito pelos adversários. É o que se pode notar ao nos debruçarmos sobre os diversos escritos existentes sobre o fundador da Fazenda Bitorocara. Nesse ponto, recorro outra vez a um grande maranhense,

Francisco Sotero dos Reis, para exprimir meu pensamento sobre os desbravadores: “Em todas as coisas humanas os primeiros, que abrem o caminho, são sempre os mais imperfeitos, mas não é, certo, pequena a glória que lhes cabe de havê-lo apontado aos outros”.

Infelizmente vivemos tempos complicados em que falsos heróis vivos, ou mortos, são incensados e elevados ao mais alto dos pedestais, enquanto as figuras legendárias do passado, já quase caídas em esquecimento, são ressuscitadas apenas para serem escrachadas, espezinhadas por aqueles que pregam um revisionismo chulo, desprovido de qualquer base real ou documental, próprio dos tempos adversos que atravessamos hoje.

Finalizo, afirmando que o **Bernardo de Carvalho** eletrônico vem engordado com informações importantes, como o capítulo sobre o povoamento do Vale do Longá, e outro sobre a localização de Bitorocara. E nesse aspecto, Elmar Carvalho é também um combatente de front, Carvalho da mesma cepa do homenageado, e quebra a ordem estabelecida ao produzir um trabalho desta qualidade e fora dos padrões usuais, juntando prosa com poesia, e expulsando para longe a monotonia que um cartapácio historiográfico carrega no seu bojo. Fecho tudo recorrendo, por fim, a outro maranhense, nesse caso ao acadêmico Milson Coutinho, que afirma na apresentação de um livro sobre a história do município de Grajaú (MA), que “quando se fechar o círculo dos levantamentos de atos/fatos de municípios ou regiões deste grande Maranhão, poder-se-á, com segurança, escrever uma História Geral do Maranhão”. Por isso, e muito mais, Bernardo de Carvalho já é leitura obrigatória.

O FUNDADOR DE BITOROCARA

Reginaldo Miranda da Silva
Presidente da Academia Piauiense de Letras

A colonização do Piauí começou com certo atraso, somente na segunda metade do século XVII, quando uma legião de destemidos fazendeiros assenta a caiçara de seus currais na bacia parnaibana, conquistando a posse da terra ao primitivo habitante.

Entre esses pioneiros destaca-se a figura inconfundível de Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador da fazenda Bitorocara, que deu origem à aprazível cidade de Campo Maior, hoje uma das mais prósperas comunas piauienses. Na defesa da terra destacou-se esse conquistador, tornando-se legendário o seu esforço como Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e Maranhão, pacificando diversas nações indígenas. É figura de primeira grandeza do período colonial, enchendo uma página importante da história piauiense.

A vida e obra desse pioneiro foram resgatadas por um campomaiorense ilustre, padre Cláudio Melo, que se revelou um dos principais historiadores do Piauí.

Agora, novas luzes acendem-se sobre o tema, na pena de nosso conhecido confrade Elmar Carvalho, também campomaiorense de quatro costados, tendo por base a obra pioneira de seu conterrâneo.

José Elmar de Mélo Carvalho é festejado poeta piauiense e magistrado ainda em plena atividade, com larga folha de serviço prestado ao Piauí. Membro da Academia Piauiense de Letras é integrante e assíduo colaborador da atual diretoria.

Apaixonado por sua terra natal traz à luz importantes considerações sobre o seu fundador, defendendo-o de eventuais acusações de outros autores.

Nesse ponto exalta a obra de Cláudio Melo, outro defensor do fundador de Bitorocara. É uma excelente contribuição ao tema. Por essa razão, a Academia Piauiense de Letras sente-se honrada em participar de tal publicação. Boa leitura!

A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO

Alegramo-nos imensamente com a publicação da 2ª edição do livro: Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara. Isso acontece depois de grande aceitação da obra inicial e por conter esta nova edição, o resultado de profundos estudos baseados em argumentos documentais portugueses e piauienses que desmontam qualquer outra versão.

No capítulo III, Localização da fazenda Bitorocara, a fim de responder com fidelidade, exigência maior da História, Elmar se reporta às obras da maior importância para os estudos de História de Campo Maior, quais sejam: Descrição do Sertão do Piauí de Miguel de Carvalho, prefaciada pelo gigante historiador campomaiorense Padre Cláudio Melo, de saudosa memória, e se reporta também ao valioso trabalho de Valdemir de Castro Miranda: Sobre as origens de Campo Maior (2015), asseverando que Campo Maior tem sua origem ligada à fazenda Bitorocara que se expande pelos rios Surubim, Longá e Jenipapo e está na sua confluência. Conforme Elmar comprova neste livro.

Esta nova edição é uma brilhante composição que, aos preciosos dados históricos, reúne originalmente anexos de bela expressão poética e a oração a Campo Maior, refletindo a luz da sua grandeza e as representações estabelecidas no coração de cada campomaiorense e de cada amigo de Campo Maior, vivas nos sentimentos de Elmar Carvalho.

A esse respeito convém salientar que o capítulo III, além de acrescentar à nova edição o aperfeiçoamento do texto histórico principalmente enfatizando a localização da fazenda Bitorocara, põe no centro da colonização do Piauí a inconfundível figura do pacificador Bernardo de Carvalho e Aguiar, o fundador de Bitorocara, transformada hoje na heroica e linda cidade de Campo Maior.

Por todas as razões esta relevante obra, agora revisada, modernizada e ampliada é uma declaração de amor a Campo Maior, escrita não por um mero sonhador à cata de leitores, mas por Elmar Carvalho, acadêmico da mais alta expressão do termo. Obra cuja publicação tem a chancela da Academia de Artes e Letras de Campo Maior - ACALE e da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Graças ao empenho de Elmar ao construir este livro que já é de indispensável leitura para o conhecimento da importância da história de Campo Maior, começando pela localização da fazenda Bitorocara e, assim poder o campomaiorense significar, ressignificar e, defender no mundo inteiro com bravura e liberdade, condição única que só a verdade pode dar.

Aos leitores confiamos a realização desses votos.

Campo Maior, 5 de maio de 2016

Sílvia Melo

BERNARDO DE CARVALHO

O Fundador de Bitorocara

Elmar Carvalho

2020

I – ABREM-SE AS CORTINAS

Inicialmente devo esclarecer que esta síntese biográfica é, sobretudo, baseada no livro Bernardo de Carvalho, da autoria do padre Cláudio Melo, campomaiorense, um dos maiores historiadores do Piauí, que, com o apoio da SUDENE, fez suas pesquisas em Lisboa, onde gastou muito de seu tempo, esforço e dinheiro. Pesquisou ele ainda em Belém (PA) e em outros locais, inclusive no Arquivo Público do Piauí. Também me vali de informações contidas, entre outros, nos livros Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado, Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, Terra do Gado, Geração Campo Maior – Anotações para uma Enciclopédia e Etnohistória Indígena Piauiense, respectivamente da autoria de Wilson Carvalho Gonçalves, Cláudio Bastos, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Reginaldo Gonçalves de Lima e João Gabriel Baptista, cujas palavras a respeito do biografado ratificam e referendam o que sobre ele disse Cláudio Melo.

Todos esses historiadores, implícita ou explicitamente, consideram Bernardo uma das mais ilustres figuras, se não a mais importante, do Piauí colonial. Cláudio Melo o considera “a maior expressão da História Colonial do Piauí”. Nenhum deles lhe atribui a sanguinolência e ferocidade, que vários historiadores conferem a João do Rego Castelo Branco, designado pelo poeta H. Dobal como “El Matador”, no poema que tem esse título. Entretanto, o acadêmico Heitor Castelo Branco escreveu o livro (em) “Desagravo ao Major João do Rego Castelo Branco”, ao qual remeto o leitor, em que faz a necessária contextualização histórica, situando-o no tempo e no espaço, levando em consideração as leis, os costumes, as crenças e os fatos e circunstâncias da época.

Não adianta tentarmos escamotear o passado, que não o mudaremos. A qualquer momento a verdade surgirá ou ressurgirá das brumas do esquecimento. De nada adianta, como almejou o velho bardo Manuel Bandeira, nos angustiarmos sobre o “que podia ter sido e que não foi”. Somos o que somos; somos o amálgama de três raças, e a nossa civilização é o cadinho do que elas construíram ao longo dos séculos. Os paulistas não escondem a saga épica das bandeiras. Antes, rasgaram avenidas e ergueram monumentos em homenagem aos bandeirantes. Com orgulho, se denominam “nós, os bandeirantes”, como ouvi um deles dizer, no alto do Terraço Itália, quando, em nome da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, fui receber o Prêmio Clio, outorgado pela Academia Paulistana de História a essa entidade, pela publicação da monumental obra Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, também atribuído ao seu autor Cláudio Bastos.

Paulo Bonfim, paulistano quatrocentão, um dos grandes poetas do Brasil, era descendente de caciques, bandeirantes, mestres de campo, desbravadores de sertões e fundadores de cidades. Aliás, no livro Paulo Bonfim – 50 Anos de Poesia, em seu apêndice, da lavra do editor Rodrigo Leal Rodrigues, está consignado que “alguém poderia pesquisar um dia, a ancestral presença de caciques e bandeirantes nos participantes da Semana de Arte Moderna e nos Movimentos Pau-Brasil, Antropofágico e Verde Amarelo”.

Gonçalves Dias, outro poeta maior, tinha orgulho de carregar a herança genética das raças indígena, negra e branca. O sangue do cacique Arco Verde circulava nas veias de Manuel Bandeira, excelso poeta, descendente de tradicionais estirpes pernambucanas, e tingia as telas de Di Cavalcanti, em cujas artérias também navegava o sangue desse morubixaba. Somos o que somos, repito, e não podemos mudar o passado. Podemos, apenas, e isso já é muito, seguir-lhe as lições e advertências, em busca de um mundo melhor, de um mundo mais justo e mais fraterno.

II – DE PORTUGAL PARA O BRASIL

Bernardo de Carvalho e Aguiar nasceu em Portugal, na Vila Pouca de Aguiar, em meado do século XVII. Cláudio Melo, baseado nos documentos que analisou e interpretou em Portugal, para escrever a sua referida obra biográfica, afirma que ele foi “uma das mais gloriosas figuras de nossa História e o verdadeiro criador da unidade piauiense” e que “o herói que o Piauí esqueceu realizou feitos tão eminentes, que parecem legendários”. Também lhe atribui a fundação dos municípios de São Miguel do Tapuio, Campo Maior e São Bernardo (MA), acrescentando que ele foi “o idealizador de Caxias e o último Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e Maranhão”. Julgo importante transcrever as seguintes palavras do padre Cláudio Melo, consignadas na apresentação da aludida obra biográfica, ao dizer que ele foi “o cidadão ímpoluto contra quem inúmeros inimigos não puderam apontar atos vergonhosos, o político forte que governou com autoridade e dignidade, apesar da grande influência da Casa da Torre, e, enfim, o homem que fixou os alicerces primeiros da unidade piauiense”.

O fundador de Bitorocara se fixou inicialmente em Salvador, Bahia. Casou-se com Mariana da Silva, de quem teve apenas dois filhos, Antônia e Miguel de Carvalho e Aguiar. Miguel veio morar no Piauí, aproximadamente em 1714, e esteve ao lado do pai em seus principais empreendimentos, realizações e vitórias. Tinha patente de coronel, e, em virtude de haver instalado fazenda em terras pertencentes ao atual município de Barras e de lhe haver erguido a primeira capela, sob a invocação de N. S. da Conceição, na qual foi sepultado, é considerado o fundador desse município. No início de sua carreira, Bernardo contribuiu para a pacificação dos índios Crateús, que fizeram fortes ataques contra os brancos que se haviam instalado no vale ocidental da serra da Ibiapaba. Esse feito permitiu que os jesuítas realizassem sua ação religiosa e promovessem o aldeamento dos índios.

III - A LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA BITOROCARA

Não há meio de convencer a um homem que não quer ser convencido.

Joaquim Manuel de Macedo

Todos os maiores historiadores do Piauí afirmam haver existido a fazenda Bitorocara e o seu fundador, Bernardo de Carvalho e Aguiar, a começar pelo mais antigo, o padre Miguel de Carvalho, em sua Descrição do Sertão do Piauí, datada de 2 de março de 1697. O padre Cláudio Melo considera esse documento como um dos mais importantes para os estudiosos de História do Piauí, e que deveria ser de manuseio constante. Quase todos admitem que essa propriedade ficava situada em Campo Maior. Como exceção ou voz discordante, um ou outro admite haver dúvida a esse respeito.

O próprio Pe. Cláudio Melo, no prefácio ao livro Descrição do Sertão do Piauí (Comentários e notas do Pe. Cláudio Melo), após advertir que o relatório do Pe. Miguel de Carvalho exigia acurada leitura, com “reflexão e análise prudente e comparada”, em sua proverbial franqueza e honestidade intelectual, aconselhou:

“Não se arrisquem a conclusões precipitadas. Historiador de alta respeitabilidade, como Odilon Nunes, concluiu que Bitorocara era Piracuruca, quando na verdade é Campo Maior [grifo meu]. Eu mesmo há dois ou três anos escrevi um artigo para ‘Cadernos de Teresina’ que, por sorte, não foi publicado (chegou com atraso). Hoje eu não subscreveria tudo que ali afirmei.”

Todavia, o próprio Odilon Nunes, segundo afirma João Gabriel Baptista em seu livro Mapa Geohistóricos, pág. 41, teria sido pessoalmente convencido por Cláudio Melo de que efetivamente o rio Piracuruca não era o Bitorocara. E ele João Gabriel confessa também ter se convencido de que a razão estava com Melo.

Espancando qualquer dúvida que possa existir sobre a localização de Bitorocara, no livro acima citado, o padre Cláudio, um dos maiores historiadores de nosso estado, afirma, a meu ver de forma categórica e peremptória:

“De início, eu supunha que o riacho Bitorocara era o Surubim, em razão de a Fazenda Bitorocara ser a atual cidade de Campo Maior. A descoberta em Portugal da sesmaria de Dâmaso Pinheiro de Carvalho, nas cabeceiras do riacho Cobras, me fez ver que Cobras é o Surubim. Bitorocara, portanto, ou seria o Longá ou o Jenipapo. Surgiu para mim um impasse: a fazenda Serra fica no Longá e o Jatobá no Jenipapo. Como os limites da fazenda Serra não atingiam o Jenipapo, mas os limites da fazenda Jatobá podiam chegar até o Longá, concluí, por fim, que Bitorocara seria o Longá. A fazenda Bitorocara se expandia pelos três rios, e ela estava na confluência deles.”

Para chegar a essa conclusão, pelo que se depreende de seu conselho (ou advertência), acima transcrito, o notável historiador piauiense leu e releu várias vezes e em profundidade o relatório da lavra de Pe. Miguel, com certeza cotejando-o com os vários documentos que consultou em Portugal e no Piauí, muitos deles transcritos no livro Bernardo de Carvalho, de sua autoria.

O padre Miguel, em seu relatório, indicava os rios em que as fazendas por ele referidas se situavam, preservando dessa forma a sua localização. As fazendas, na época, eram muito extensas.

Ele situava três no riacho Bitorocara (Longá): a primeira, de nome Serra, ficava nas cabeceiras; a segunda, Bitorocara, se lhe seguia, e “a terceira e última deste riacho se chama o Jatobá”. Evidentemente a fazenda Jatobá ficava na margem direita do Jenipapo, que desemboca no Longá, podendo ter prosseguimento pela margem direita deste rio, uma vez que, na expressão de padre Cláudio, “a fazenda Bitorocara se expandia pelos três rios, e ela estava na confluência deles”. A linha de raciocínio do historiador obedece à lógica, e não a uma simples ilação tirada do nada, e, portanto, não merece reparo.

Como é sabido por todos, a antiga igreja de Santo Antônio do Surubim foi construída por Bernardo de Carvalho e Aguiar a pedido de seu sobrinho, o Pe. Tomé de Carvalho. Quase sempre (e não conheço exceção) as igrejas eram erigidas pelos fazendeiros nas proximidades da casa-grande ou residência, sempre que possível sobre uma colina ou outeiro, em terras de sua propriedade ou posse. Essa era a praxe na história do Piauí, ainda hoje observada. Quem iria construir uma ermida ou igreja distante de sua casa e fora de sua propriedade? Considerando-se que a fazenda Bitorocara (antigo nome do rio Longá) ficava na margem desse rio é lógico concluir-se que ela ficava nas proximidades da igreja construída por seu proprietário nas imediações do rio Cobras, hoje Surubim.

Sobre isso vejamos o que diz o historiador e genealogista Valdemir de Castro Miranda, em seu trabalho intitulado “Sobre as origens de Campo Maior”, publicado no blog poetaelmar.blogspot.com.br, em 04.09.2015:

Campo Maior tem sua origem ligada à figura do mestre de campo Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador da Fazenda Bitorocara no ano de 1695, na confluência dos rios Longá com o Surubim. Por volta de 1706, o Pe. Thomé de Carvalho e Silva fez desobriga na região, fundando ali um curato. Mais tarde, com a ajuda de Bernardo de Carvalho e Aguiar, construiu a Igreja de Santo Antônio, batizada a 12.11.1712, com a instalação da Freguesia de Santo Antônio do Surubim ou Longá, a segunda do Piauí e ainda ligada ao Bispado de Pernambuco. O procedimento para a instalação da nova Freguesia, foi o mesmo adotado pelo Pe. Miguel de Carvalho quando da instalação da Freguesia da Mocha, reuniu os moradores da região para definir o local da edificação do templo. Não contando com a ajuda dos arrendatários das fazendas da região, mas com o cel. Bernardo de Carvalho e Aguiar que construiu a capela a suas custas, conforme consta em carta do Pe. Thomé de Carvalho e Silva, Vigário confirmado na Matriz de Nossa Senhora da Vitória do Piauí de Cima em toda ela Vigário da Vara, pelo ilustríssimo Sr. Dom Manuel Álvares da Costa, Bispo de Pernambuco e do Conselho de Sua

Majestade, que Deus guarde:

“Certifico que sendo esta minha Freguesia muito dilatada pelas grandes distâncias, principalmente a ribeira dos Longases, aonde não podia desobrigar a tempo de acudir com os Sacramentos nas necessidades dos meus fregueses residentes nela, pelos muitos rios que tem em meio para esta minha igreja, requeri ao Sr. Bispo de Pernambuco, mandasse fazer Igreja curada na dita ribeira dos Longases, por assim convir ao serviço de Deus, Nosso Senhor, ao que deu logo cumprimento. O dito Sr. Bispo mandou-me ordem para a poder fazer e, indo a esta parte, convoquei os principais moradores e, tomando-lhes os seus votos na parte que havia de erigir a nova Capela, que por invocação tem o nome do Glorioso Santo Antônio, lhe não achei possibilidade para fazerem, dando várias desculpas pelos poucos escravos que tinham, e estando ocupados em fazendas que tinham os seus donos na Bahia as não podiam desamparar. Nestes

termos, me vali do Coronel Bernardo de Carvalho que, com pronta vontade, buscou um carapina a quem pagou, e foi pessoalmente com seus escravos ajuntar as madeiras e os mais materiais, trabalhando o dito com grande zelo. E, com efeito, fez a capela à sua custa, tanto de escravos como gastos, farinha e dinheiro. E o acho com ânimo de gastar nela cabedal. Outrossim se me ofereceu com o gado que necessitasse para a nova ereção desta Matriz de Nossa Senhora da Vitória, e me prometeu 200\$000 (duzentos mil reis) para uma Custódia para a dita Matriz e que se custasse mais o daria”.

(MELO, Pe. Cláudio. Fé e Civilização, 1991, p. 47-8).

Recentemente uma voz discordante afirma que a Fazenda Bitorocara ficava, aproximadamente, onde hoje estão situados os municípios de São Bernardo – MA, Luzilândia e Campo Largo, os dois últimos no Piauí. O imóvel ficava em ambos os lados do rio Parnaíba. O defensor dessa hipótese parte do pressuposto de que o Arraial Velho e Bitorocara seriam termos sinônimos, e se fundamenta no fato de que Miguel de Carvalho e Aguiar, filho do Senhor de Bitorocara, teria herdado a sesmaria de Arraial Velho de seu pai, conforme documento existente em Belém do Pará, cuja propriedade em favor de Miguel foi confirmada em 1739. Essa informação é verídica e está devidamente documentada. Só um louco ou mistificador a negaria. Aliás, essa notícia é antiga, e já está inserida no livro Cronologia Histórica do Estado do Piauí, da autoria de F. A. Pereira da Costa, cuja primeira edição data de 1909.

Contudo a hipótese de que Bitorocara ficava no rio Parnaíba, na altura de São Bernardo, Campo Largo e Luzilândia, não pode prosperar, e muito menos se estabelecer como verdade, pelos motivos que passarei a expor de forma sintética.

Primeiro, Arraial (velho ou não) nunca foi e não é sinônimo de Bitorocara. É apenas um topônimo genérico, e que designa vários locais do Brasil, e mesmo do Piauí. Assim, no nosso estado existiram vários arraiais, entre os quais cito o que deu origem a Jerumenha, o dos aroases, o dos paulistas, o de Nossa Senhora da Conceição, o dos Ávilas, o que originou a atual cidade e município de Arraial e, evidentemente, o arraial que se formou no entorno da Fazenda Bitorocara e da igreja de Santo Antônio do Surubim, nela situada, etc.

O certo é que o Arraial Velho que deu origem à cidade de São Bernardo (MA) não é e nem poderia ser o arraial velho que formou a cidade de Campo Maior.

Por outro lado, em termos cronológico e documental, Bitorocara jamais poderia se referir ao Arraial Velho do rio Parnaíba, uma vez que o documento a este referente data de 1739, enquanto a referência à fazenda Bitorocara, feita pelo padre Miguel de Carvalho é datada de 1697, conforme seu relatório, publicado sob o título de Descrição do Sertão do Piauí.

Ademais, o seu autor, Miguel de Carvalho, em sua desobriga, que relatou nesse documento, percorreu apenas as terras que ele entendia como pertencentes à freguesia de Nossa Senhora da Vitória, conforme explicitou o padre Cláudio Melo em seus comentários (v. bibliografia): “Outras porções do território piauiense também eram habitadas, mas ficaram excluídas desta Descrição; é o caso dos sertões do Parnaguá (que ficariam na jurisdição de outra freguesia a ser instalada) é o caso do baixo Longá, Piracuruca e litoral que já estavam assistidos pelos Filhos de Santo Inácio, na Ibiapaba.”

Ora, se o padre Miguel de Carvalho sequer percorreu todo o território do atual estado do Piauí, com muito mais razão não poderia ter ido até os atuais municípios de Brejo e de São

Bernardo, no Maranhão (em cuja região veio a ser situado o Arraial Velho), que pertenciam a outra jurisdição eclesiástica. Consequentemente, a fazenda Bitorocara a que ele se referiu em seu relatório ficava mesmo no rio Longá, perto de onde fica a atual cidade de Campo Maior.

Em consequência o arraial militar, ou arraial ou ainda arraial velho referente a Campo Maior, que se formou no entorno ou perto da Igreja de Santo Antônio do Surubim, não pode, em hipótese nenhuma, ser confundido com o Arraial Velho maranhense, localizado perto do Parnaíba. Mesmo porque Bernardo de Carvalho e Aguiar, último mestre de campo das Conquistas do Piauí e do Maranhão, só se mudou para a atual cidade de São Bernardo, da qual é considerado fundador, em 1721, quando deixou o seu cargo.

A fazenda Bitorocara, portanto, ante tudo o que expusemos, ficava na confluência dos rios Longá, Surubim e Jenipapo, o que, admitamos, era estratégico, uma vez que haveria suprimento de água para consumo humano e do gado, e para a formação de pastagem, além de que seriam evitados problemas com eventuais confrontantes, porquanto os limites ficariam bem estabelecidos por esses cursos d' água.

Tudo o que até aqui foi dito faz parte do terceiro capítulo da 2ª edição da versão impressa do livro Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara, de nossa autoria (EDUFPI/ACALE, 2016).

Contudo, após essa publicação, o escritor e historiador Reginaldo Miranda, membro da Academia Piauiense de Letras, que se tornou um verdadeiro detetive internético da História e, simultaneamente, um exímio paleógrafo, a decifrar intrincados, carcomidos e quase ininteligíveis e desbotados documentos antigos, às vezes verdadeiras criptografias para muitos historiadores e curiosos, descobriu, em determinado site, um documento que comprova, de forma absoluta e insofismável, que Bitorocara, uma das fazendas de Bernardo de Carvalho, ficava mesmo em Campo Maior. Em matéria postada em meu blog (Poeta Elmar), no dia 23/09/2017, sob o título de A Fundação de Campo Maior, ele transcreve parte desse documento, que comprova a sua localização. Vejamos trecho do que ele afirma e a referida transcrição documental:

“Foi no governo de Christóvão da Costa Freire, governador e capitão general do Estado do Maranhão(1707 – 1718), que lhe foi dada a sesmaria “no sertão dos Alongazes por evocação de Santo Antônio, em um riacho cujas vertentes desaguavam no rio Jenipapo, em o qual tinha todas as fábricas de criados, escravos, cavalos e o mais necessário, e nele necessitava de três léguas de terra de comprido com uma de largo em todo o comprimento, para criação dos ditos gados e suas multiplicações, começando o dito comprimento da casa para Leste duas léguas e da mesma casa para Oeste uma légua, fazendo a largura de Norte a Sul ficando o dito riacho em meio da largura, reservando ele as voltas e pontas e da terra toda a inútil de criar gados, pelo haver povoado estando deserta” (PT/TT/RGM/C/0008. Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 8, fl. 509v).

Então, seria impossível uma localização mais precisa, ficando a mesma no sertão do Longá, em um riacho que entra no Jenipapo (o mesmo da Batalha da Independência). E fora erguida sob a invocação de Santo Antônio, em cuja sede foi pelo proprietário iniciada a construção da capela, à sua custa, em 1711, para servir de matriz à freguesia de Santo Antônio dos Alongazes ou Santo Antônio do Surubim, a segunda mais antiga do Piauí, que fora criada naquele ano, pelo padre Tomé de Carvalho e Silva, sob ordens do Bispado de Pernambuco.”

Por via de consequência, se antes eu tinha a convicção de que Bitorocara ficava em Campo Maior, na confluência dos rios Surubim, Longá e Jenipapo, seguindo as pegadas e lições do Pe.

Cláudio Melo, agora, com fundamento no documento “decifrado” e analisado por Reginaldo Miranda, tenho a certeza absoluta quanto a esse fato histórico, que não mais pode ser questionado ou contraditado.

IV - OBRAS DO SENHOR DE BITOROCARA

É um dos benfeitores de Oeiras, pois estava presente na época da instalação da freguesia, conforme afirma Cláudio Melo, fundamentado em documento do dia 2 de março de 1697, da lavra do padre Miguel de Carvalho, em que este sacerdote afirma que Bernardo concorreu para a fundação da nova igreja “com gente e gados, mostrando grande zelo para que se faça e conserve, para o bem desta povoação”, conforme está posto no referido documento.

Para auxiliá-lo na administração de suas cinco fazendas, convocou seu parente Manuel Carvalho de Almeida, que também lhe prestou serviço no empreendimento das Conquistas. Manuel tornou-se o fundador de José de Freitas, por haver instalado fazenda e erigido capela, sob a invocação de N. S. do Livramento, que deram origem ao povoamento dessa localidade.

Quando o padre Tomé de Carvalho quis criar nova freguesia no Piauí, escolheu Bitorocara para sua sede. Em documento, esse sacerdote declarou que se valeu do coronel Bernardo de Carvalho, que, com boa-vontade, arranhou carpinteiro e foi pessoalmente “com seus escravos ajuntar as madeiras e os mais materiais”, trabalhando ele próprio com grande zelo. Aduziu que ele fez “a capela a sua custa, tanto de escravos como gados, farinhas e dinheiro”. Contribuiu para a criação de várias igrejas e capelas, além de fornecer escolta para serviços de desobriga e evangelização. Por todos os serviços que prestou à igreja Católica, veio a receber o Hábito de Cristo, que era uma das mais altas honrarias da época.

No encarte onomástico de seu livro Etnohistória Indígena Piauiense, João Gabriel Baptista, no verbete Bitorocara, crava a seguinte afirmação: “Fazenda construída por Carvalho e Aguiar, em 1696. Fica na junção dos rios Surubim e Longá. É ajudado nesta fundação por Dias de Siqueira. É a origem, junto com o Arraial Velho, da cidade de Campo Maior”.

Prestou diversos serviços às autoridades, quase sempre a suas expensas, fornecendo mantimentos, custeios e homens. Cláudio Melo conseguiu recolher 14 depoimentos de figuras ilustres do serviço público, além de 10 governadores do Maranhão e de Pernambuco, dos quais transcreveu alguns em seu livro. O biógrafo, baseado em documentos, entende que ele prestou relevantes serviços ao bem comum, e que por esses fatos, gerais e particulares, Bernardo revelou uma preocupação social e um comportamento humanitário. Afirma ainda que ele, em prejuízo próprio, reprimia os abusos dos representantes da Casa da Torre. Essa informação é endossada pelo escritor Afonso Ligório Pires de Carvalho.

O historiador Cláudio Bastos informa que Bernardo de Carvalho é o fundador de São Miguel do Tapuio, de Campo Maior e de São Bernardo (MA), além de haver sido o idealizador de Caxias (MA). Foi um dos povoadores de Barras. A localização de sua fazenda Bitorocara (na confluência dos rios Surubim e Longá) não poderia ser mais estratégica, pois ficava equidistante da barra do Poti, da barra do Marataoã (onde seu filho Miguel fixou fazenda), do rio Piracuruca (à margem do qual fica a cidade de mesmo nome) e de São Miguel do Tapuio, onde ele instalara fazenda, que deu origem a essa cidade, tanto pelo local em si mesmo, com água e as pastagens das campinas, como porque as localidades citadas já eram povoadas ou já estavam em processo de povoamento, com a instalação de fazendas. Segundo o romancista e historiador Afonso Ligório Pires de Carvalho, o padre Cláudio Melo adquiriu a certeza de que Campo Maior teve sua origem a partir de Bitorocara ao ler o testamento de Miguel de Carvalho e Aguiar, filho de Bernardo de Carvalho.

Além das várias cidades referidas, de que Bernardo foi fundador, povoador ou idealizador, podem ser citadas várias igrejas e capelas que ele mandou construir ou para cuja ereção contribuiu de modo significativo, senão vejamos: a primeira e a nova igreja de Mocha (Oeiras), tendo para esta doado rica e bela custódia, feita de ouro e cravejada de pedras preciosas; matriz de São Francisco da Barra do Rio Grande; construção das igrejas dos aldeamentos que empreendeu; construção da velha matriz de Campo Maior, localizada nas proximidades, segundo tudo leva a crer, da fazenda Bitorocara; construção da primeira capela de São Bernardo (MA);

construção da igreja dos índios Anacês, e auxiliou a reparar o templo da Missão dos Aroases. Todo esse conjunto de obras demonstra, além de sua religiosidade, o seu desapego aos metais, tanto que morreu pobre, como adiante será pormenorizado.

O escritor João Alves Filho, presidente da Academia Campomaioreense de Artes e Letras – ACALE, no seu livro “Histórico da Igreja de Santo Antônio” consigna que o padre Tomé de Carvalho celebrou a primeira missa nesse templo campomaioreense, construído às expensas do nosso biografado, inclusive com o seu labor pessoal, em novembro de 1712, em que estavam presentes “Bernardo de Carvalho e Aguiar, os fazendeiros instalados em torno da fazenda Bitorocara e os trabalhadores com suas famílias”. Por conseguinte, neste ano de 2012 será comemorado o tricentenário da celebração da primeira missa em território campomaioreense.

V – AS LUTAS DO MARECHAL DE CAMPO

Não há negar, Bernardo enfrentou os índios. Lutou contra eles. Contudo, há de ser observado que nenhuma conquista de território, que nenhuma invasão territorial, que nenhuma forma de colonização foram aceitas pacificamente pelos nativos, em nenhuma parte do mundo. Foi assim no Brasil, foi assim na América Latina, foi assim na América do Norte; assim foi em toda parte. Ainda hoje vemos a todo momento, através da televisão, as estúpidas guerras étnicas e, absurdo dos absurdos, as guerras religiosas e fratricidas. É difícil de acreditar que o Brasil, com os modernos meios de comunicação e transporte, poderia ficar até os dias de hoje como um paraíso indevassado, com os índios, armados de arco e flecha, a percorrer as florestas virgens, a pescar o seu peixe, a abater sua ave, a colher as frutas silvestres, já que o nosso nativo praticamente não manejava a agricultura e nem aprendera a domesticar e criar animais, a não ser de forma rudimentar e em pequena escala.

O fato é que se a colonização não tivesse sido feita pelos portugueses, teria sido executada pelos espanhóis, pelos franceses, pelos holandeses ou pelos ingleses, senão por outro povo. Como afirmei no início, não adianta, hoje, ficarmos na ingloria utopia de sonhar “com o que não foi e poderia ter sido”, como disse o poeta, a imaginar um imenso Éden tropical intocado por outras civilizações. Somos o que somos, repito, e somos um rico amálgama cultural, uma bela miscigenação de índios, negros e brancos.

Nessas refregas, às vezes, poderia haver (e houve) excessos de ambos os lados, seja dos colonizadores, seja dos nativos, tanto que o pesquisador e engenheiro Heitor Castelo Branco, no seu livro, já referido, registrou que num desses embates os índios teriam chegado ao “cúmulo das atrocidades, quando mataram toda uma bandeira de Bernardo de Carvalho, e agarraram o Capelão, Padre Barbosa Pinheiro, que foi esquartejado e arrancado seu coração para ser exibido como troféu”. Pincei esse trecho para demonstrar que toda conotação maniqueísta, sobretudo em História, não passa de um equívoco ou mesmo mistificação. Nenhuma forma de civilização é completamente boa, e nenhuma é totalmente má. Afinal, somos apenas homens, e não deuses.

Os autores que citei, ao longo desta síntese biográfica, são unânimes em reconhecer os méritos de Bernardo, e nenhum lhe atribui a pecha de sanguinário e genocida. Ao revés, reconhecem que ele era humanitário e contribuiu para a pacificação de muitas tribos, que lhe tinham consideração, respeito, e até mesmo estima. Transcrevo o seguinte trecho da biografia escrita por Cláudio Melo: “Se nosso herói foi o temor dos índios, nas duras guerras que lhes fez, foi igualmente o vencedor humanitário que pessoalmente cuidou dos prisioneiros, curando-lhes, ele mesmo, as feridas de guerra e conduzindo-os na própria cavalgadura. Pronto para as batalhas, mais pronto estava para negociar a paz”. Sua conduta humanitária e respeitosa para com os vencidos era de tal monta que os nativos preferiam ficar em seu aldeamento do que no de outro capitão. Os índios Crateús e Anapurus chegaram a pedir à coroa para que pudessem ficar ao lado de Bernardo.

O respeitado historiador e geógrafo João Gabriel Baptista, em seu livro Etnohistória indígena piauiense, pág. 45, revela a imagem positiva que tinha de Bernardo de Carvalho: “Entre os catequistas, além de alguns mestres-de-campo, onde se destaca BERNARDO DE CARVALHO E AGUIAR, eram os jesuítas os mais interessados. // Do outro lado, impiedosos e torturantes, os prepostos da Casa da Torre, durante dez anos, com interesses antagônicos. O mestre de campo saiu-se melhor”. Já tive ocasião de afirmar que o nosso biografado não era bem visto pela Casa da Torre, uma vez que não lhes seguia os métodos cruéis, e chegou a lhes contrariar os interesses. Em seguida João Gabriel, após afirmar que não houve contato entre João do Rêgo Castelo Branco e Bernardo de Carvalho, chama este de “o grande amigo dos índios”.

Endossa essa mesma opinião o historiador e genealogista Valdemir Miranda de Castro, ao registrar em seu livro Enlaces de Família – uma genealogia em construção, pág. 33: “(...) diferente

dos colonizadores ligados à Casa da Torre e aos Garcia D'Ávila, que aprisionavam, adestravam, vendiam e exterminavam muitos das tribos indígenas do nosso território, os colonizadores do Vale do Longá, dentre eles o Mestre de Campo Bernardo de Carvalho e Aguiar, apenas afastavam os gentios bravios das fazendas, tendo apaziguado os primitivos com os colonizadores”.

Nos momentos mais duros das disputas chegava ao ponto de marchar a pé, para que os feridos tivessem montaria. Nas ocasiões em que o alimento escasseava, ele se contentava em comer “uma só mão cheia de farinha por dia, dando o mais a seus servidores que por vezes o viram sem alimento de forma alguma. E ele era um homem doente”.

O historiador, na nota 13 ao capítulo III, indica em que documento se louvou para narrar esses fatos, que demonstram, de forma peremptória, que Bernardo era humanitário; que estava muito longe de ser um “el matador”, que pudesse se comprazer em exterminar nativos. Ao contrário, cessadas as refregas, sua índole era a de um “el pacificador”, como o cognominei em poema que lhe dediquei, porquanto cuidava dos feridos, os alimentava e pessoalmente tratava de seus ferimentos, e porque buscava a convivência pacífica com os nativos.

VI – MESTRE DAS CONQUISTAS DO PIAUÍ

Tinha ele o respeito dos seus pares. Por essa razão, os principais fazendeiros do norte piauiense se reuniram, após a morte, ocorrida em 12.07.1712, de Antônio da Cunha Souto Maior, o primeiro Mestre de Campo do Piauí, e o escolheram para substituí-lo. Essa deliberação ocorreu no prazo de apenas um mês e quinze dias após a morte de Souto Maior. A sugestão foi encaminhada ao governador do Maranhão, que a acatou de imediato, pois já ouvira falar nos méritos e na probidade de Bernardo de Carvalho, que se tornou, assim, o Mestre de Campo de toda a Conquista.

Quando Bernardo teve notícia de que os indígenas Anaiós haviam atacado Parnaíba, então já chamada de vila, mandou tropa, organizada em dois grupos, para defendê-la, um dos quais sob o comando do capelão e capitão frei Lino Demescent, que escreveu o seguinte sobre o episódio: “E vendo a desolação que nos tinha feito o gentio, pelos seus repetidos incursos e cercos, matando-nos alguns homens e quantidade de cavalos e éguas, roubando a seu Missionário, profanando a Igreja e, com uma sacrílega temeridade, cortando as narinas dos santos, se resolveu, com todo rigor do tempo, a mandar, como o fez, uma bandeira escolhida de sua tropa, me escolhendo por Capitão dela. Partindo aos 8 de dezembro”. Corria o ano de 1712. O marechal de campo resolveu partir logo em seguida, após haver reanimado os exaustos. Após as refregas no litoral, Bernardo tentou obter as pazes com os Anapurus Mirins e os outros Anapurus, enviando-lhes práticos com esse objetivo. Os primeiros rejeitaram a proposta, sob a alegativa de que não desejavam conviver com os brancos e nem com eles ter negócios. Todavia, aceitaram que lhes fosse enviado um sacerdote para lhes administrar o sacramento, no que concordaram os moradores da povoação parnaibana.

Bernardo designou para essa finalidade o capelão de sua tropa, frei Lino Demescent. Parte dos (outros) Anapurus aceitou a proposta de pacificação. Porém, a paz foi de curta duração, porque, segundo padre Cláudio Melo, “homens de Parnaíba, como os do Ceará, não se contentaram com índios livres ao seu lado. Forçaram a saída de frei Lino; sem ele, desapareceu o primeiro aldeamento no delta parnaibano”. Decorridos onze anos, esses índios foram novamente aldeados, desta feita por missionários Jesuítas do Maranhão. Na interpretação do ilustre historiador, isso causou enorme prejuízo ao Piauí, pois se os nativos tivessem permanecido sob a administração do capitão-mor de Parnaíba, como desejara Bernardo de Carvalho e Aguiar, a parte do Delta do Parnaíba pertencente ao estado do Piauí seria muito maior.

O marechal de campo reuniu suas tropas, para retornar a seu acampamento, deixando no comando da localidade parnaibana João do Rego Barros. Em virtude de Bernardo ter constituído uma força militar com diversos subcomandos nos pontos mais estratégicos e de forma hierarquizada, o douto pesquisador entende não haver exagero em se afirmar que “pela primeira vez se organizou no Piauí a força militar”. Fora combinado com o governador do Maranhão que o mestre de campo faria as indicações necessárias ao seu exército e o governo as confirmaria.

Após essas lutas em prol da pacificação e aldeamento dos índios, Bernardo foi a São Luís cumprimentar o governador Cristóvão da Costa Freire, bem como prestar contas de seu trabalho. Nessa oportunidade recebeu o prêmio da mais alta patente militar da época, que o tornava inferior apenas ao governador do Maranhão. Consequentemente, tornou-se a mais alta autoridade do território piauiense. Portanto, contribuiu para a implantação da organização administrativa do que viria a ser a capitania, a província e finalmente o estado do Piauí.

VII – O PACIFICADOR LIBERTA INDÍGENAS

Já foi dito que Bernardo, a partir de certo momento, passou a ser malvisto pela Casa da Torre, porquanto tratava os nativos com respeito, e não admitia que eles fossem tratados com crueldade. O episódio que passarei a contar bem revela o seu alto espírito humanitário, desprovido de crueldade. O feudo baiano tinha dois prestigiados representantes no Piauí: o sargento-mor de Mocha, Miguel de Abreu Sepúlveda, e Francisco Xavier de Brito, sargento-mor da Conquista e procurador da Casa da Torre, sobre os quais escreveu Maia da Gama, chamando-os de facínoras, e dizendo que o Piauí ficaria “seguro para muitos anos” se ambos fossem presos. Esses dois homens tinham a triste missão de caçadores de índios, cujas rendas obtidas eram divididas com os governadores de Pernambuco e da Bahia, que por isso mesmo lhes davam cobertura. Por essa razão, eles agiam no centro-sul piauiense sem obediência ao mestre de campo.

Quando Bernardo de Carvalho passou pelo acampamento de Miguel de Abreu Sepúlveda encontrou várias dezenas de índios presos em curral, sem que tivessem sido aprisionados em guerra defensiva, mas apenas para a finalidade de venda. Nas exatas palavras de Cláudio Melo, “o Mestre de Campo se indignou, ameaçou o Sargento-Mor e, com destemor libertou todos os índios que felizes tornaram às suas malocas”. Basta a narrativa desse fato emblemático para mostrar o caráter justo e humanitário de Bernardo, que seria considerado digno em qualquer época e em qualquer lugar, independentemente da necessidade de contextualização histórica, em que se levasse em conta a legislação, os costumes, a cultura, as crenças, a ética, e as circunstâncias da época em que os atos e os fatos foram praticados.

Wilson Carvalho Gonçalves, membro da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e da Academia de Letras do Vale do Longá, afirma que ele “pacificou os aranhis, os exotins, os guararés, os icós, os quixerários e os longás”. O perfil biográfico que Reginaldo Gonçalves de Lima, cidadão honorário de Campo Maior e patrono de uma das cadeiras da ACALE, lhe delineou é consentâneo com a biografia escrita por Cláudio Melo, e nele se encontra estampado que “em 1721, com a região norte pacificada, Bernardo de Carvalho retirou-se para São Bernardo, onde faleceu em 1730”. No livro Terra do Gado, o pesquisador, cronista, contista, romancista e membro da Academia Piauiense de Letras Afonso Ligório Pires de Carvalho afirma que esse grande homem chegou a ficar estigmatizado pela Casa da Torre, na Bahia, em virtude de não ser um genocida, de não ser um brutal preador e exterminador de índios.

Cláudio Bastos, que dedicou 32 anos de sua laboriosa vida a escrever a sua monumental obra Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, publicado em 1994 pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, por cuja obra recebeu o Prêmio Clio, concedido pela Academia Paulistana da História, preleciona, em verbete contido na página 25, que Bernardo de Carvalho “em 1721, pacificados os Longás e as tribos da região N, foi morar em sua fazenda São Bernardo (N do Maranhão), onde foi procurado pelos Aroases e pelos Barbados em busca de paz. Caicaies e Guararés o procuraram para intermediar a paz (1726).” Isso demonstra de forma cabal que ele tinha uma inclinação para a paz e buscava a boa convivência com os nativos. E note-se que nessa época ele já se encontrava recolhido a sua fazenda no Maranhão e não mais era o poderoso mestre das conquistas, o que prova o respeito que os índios lhe tinham e o espírito de liderança que ele ainda detinha. Já então os seus dias se aproximavam do fim.

O historiador e geógrafo João Gabriel Baptista, cidadão probo nos vários e importantes cargos públicos exercidos e historiador da mais alta respeitabilidade, no encarte onomástico de seu livro Etnohistória Indígena Piauiense, assim se referiu sobre o notável Bernardo de Carvalho e Aguiar: “Homem simples, prático e pacífico, torna-se quase lendário no vale do Parnaíba. Ajuda viagens missionárias. Auxilia viajantes que transitam e, com sacrifício, cria e perde um império na zona norte onde se situa o vale do Longá. Edifica, com determinação, o feudo da fazenda

Bitorocara e perde quando sente a ingratidão dos poderosos”. A ingratidão, conforme já expliquei acima, se deveu ao fato de que o nosso biografado se insurgiu contra a brutalidade de prepostos da Casa da Torre, no trato com os indígenas, já que ele não agia dessa forma.

VIII - BERNARDO DE CARVALHO E A OCUPAÇÃO DO VALE DO LONGÁ

No anexo de seu monumental livro Enlaces de Família – uma genealogia em construção, Valdemir Miranda de Castro informa que os irmãos Manoel e Antônio Carvalho de Almeida chegaram ao Piauí “a convite de seu tio, o Mestre de Campo Bernardo de Carvalho e Aguiar”, fundador de Campo Maior e São Miguel do Tapuio. Eram irmãos dos padres Miguel de Carvalho, Tomé de Carvalho e Silva, Inocêncio Carvalho de Almeida, e de Mariana de Almeida.

Essa grei era muito influente na época. Assim, o mestre de campo e os padres seus sobrinhos concorreram para a vinda ao Piauí de vários parentes. Além dos referidos Manuel e Antônio, se fixaram em solo piauiense Miguel de Carvalho e Aguiar, Miguel Pinheiro de Carvalho, Dâmaso Pinheiro de Carvalho e certamente outros parentes.

Miguel de Carvalho e Aguiar, após ter prestado relevantes serviços a seu pai, mudou-se para local onde hoje fica situado o município de Barras, onde fundou uma fazenda nas cercanias do rio Marataoã. Ao comentar o livro Barras – Histórias e Saudades, de Antenor Rêgo Filho, tive o ensejo de dizer: “O livro conta a saga da comunidade barrense, desde o seu primórdio, no século 18, quando o fazendeiro e empreendedor Miguel de Carvalho e Aguiar, filho do grande Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador de Campo Maior e de outras comunidades, instalou a sua fazenda e currais e possibilitou a construção da capela católica [cuja ereção ele iniciou], até a década de setenta. Como se sabe, as cidades piauienses, normalmente, surgiram em derredor de currais e de templos católicos, e Barras não foi uma exceção.” Portanto, foi Miguel um dos fundadores dessa comunidade.

Manoel Carvalho de Almeida (nascido em 1669 em Portugal; falecido em 1750 na Fazenda Boa Esperança) se casou com Clara da Cunha e Silva Castelo Branco, filha de Dom Francisco da Cunha Castelo Branco. Instalou a Fazenda Boa Esperança, que deu origem à comunidade Livramento, depois cidade de José de Freitas, de que é considerado fundador.

Antônio Carvalho de Almeida (n.1679 em Linhares, Portugal; f. 1775 na Fazenda Vitória, situada no atual município de Batalha) foi casado com Maria Eugênia de Mesquita Castelo Branco, neta de Dom Francisco. Como está posto no citado livro de Valdemir, os dois, “ligados à colonização dos municípios de Batalha e Esperantina, produziram uma série de intelectuais e poetas, entre eles, Leonardo, Teodoro e Hermínio”. Antônio se fixou no Vale do Longá em 1705, onde fundou as fazendas Caraíbas e Boa Esperança.

O padre Miguel de Carvalho (n. 1663 em Portugal; f. 1737 no Brasil) exerceu importantes funções na Diocese de Pernambuco, entre as quais a de padre visitador e a de vigário da Vara da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Cabrobó de Olinda. Escreveu o relatório denominado Descrição do Sertão do Piauí, documento da mais alta importância para a historiografia piauiense. Sugeriu a criação das freguesias de São Francisco, no sertão de Rodelas, que abrangia território do extremo sul do Piauí, e a de Nossa Senhora da Vitória, a ser sediada em Mocha, e foi designado pelo bispo Dom Francisco de Lima para executar as suas instalações.

O padre Tomé de Carvalho (n. 1665 em Portugal; f. 1735 no Piauí) foi o primeiro vigário de Mocha, hoje Oeiras. Instalou os curatos de Parnaguá, Campo Maior e Piracuruca. Fundou as fazendas Tranqueira e Vitória, no Vale do Longá, que depois passaram a seus sobrinhos, filhos de Antônio Carvalho de Almeida.

O padre Inocêncio Carvalho de Almeida (n. 1667 em Portugal; f. 1745 na Bahia) foi o primeiro vigário da Freguesia de São Francisco, na Barra do Rio Grande, diocese de Pernambuco, hoje território da Bahia, da qual fazia parte o extremo sul do Piauí, que foi instalada pelo padre Miguel de Carvalho, seu irmão, no ano de 1696. Assumiu, três anos depois, o posto do irmão, tornando-se o visitador geral da Diocese de Olinda.

Mariana de Almeida nasceu e viveu em Portugal. Nunca veio ao Brasil. Foi casada com o português João de Miranda. Seu filho, cel. José de Miranda, veio ao Piauí, tendo se casado com

Ana Maria de Mesquita, filha de seu tio Antônio Carvalho de Almeida. As núpcias foram celebradas no Sítio Batalha, em 24.07.1778.

Miguel Pinheiro de Carvalho, segundo Cláudio Bastos, em seu festejado Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí nasceu em Portugal, mas no ano de 1697 morava na fazenda Jenipapo, perto do rio Marataoã.

Dâmaso Pinheiro de Carvalho, segundo a obra acima citada, em 1697 morava na fazenda Carnaíba, situada nas proximidades do rio Marataoã. Capitão-mor de Campo Maior. Recebeu sesmaria nas cabeceiras do riacho Cobras (Surubim). Referido como fundador de Altos (PI).

Estas e outras pessoas, com as suas fazendas e os seus empreendimentos agropastoris, contribuíram para o surgimento e desenvolvimento de várias povoações e cidades do Vale do Longá.

Maiores e melhores esclarecimentos sobre as mais antigas famílias que se estabeleceram no Vale do Longá serão encontrados nos livros A Mística do Parentesco, de Edgardo Pires Ferreira, Os Carvalho de Almeida do Piauí, de Gilberto de Abreu Sodré Carvalho, Três Séculos de Caminhada, de Vicente Miranda, O Padre Freitas de Piri-piri, de Judite Santana, e no Enlaces de Família – uma genealogia em construção, de Valdemir Miranda de Castro.

Sobre o último, disse a historiadora Teresinha Queiroz, em seu prefácio:

“Além das necessárias e imprescindíveis teias genealógicas, aspecto central deste Enlaces, o livro igualmente possibilita que o leitor compreenda as relações familiares entre Leonardo Castelo Branco, os padres Miguel de Carvalho e Tomé de Carvalho e Silva, Bernardo de Carvalho e Aguiar, senhor de Bitorocara, e com os irmãos Antônio Carvalho de Almeida e Manoel Carvalho de Almeida, bem como os primeiros entrelaçamentos dos ocupantes iniciais do Vale do Longá com as mulheres da família Castelo Branco. Aqui já aparece de maneira meridiana o fincar à terra dessas raízes transplantadas que se encontram na Colônia, provavelmente retomando antigos laços já existentes na Metrópole.”

Remeto, pois, o leitor que deseje maior aprofundamento informativo a essas importantes obras genealógicas.

IX – HISTÓRIA, ARTE E FANTASIA

A título de curiosidade, registro que no magnífico Dicionário de Cláudio Bastos, no verbete referente a Mandu Ladino, existe a informação de que o padre Cláudio Melo considerava que esse indígena seria filho natural de Bernardo de Carvalho, evidentemente tendo como mãe uma índia. Com efeito, certa vez, já perto de sua morte, na época em que me prefaciou a segunda edição de Cromos de Campo Maior (com capa e ilustrações do campomaioirenses João de Deus Netto), confessou-me esse sacerdote que vislumbrava a possibilidade (ou talvez probabilidade) dessa filiação, e que até estava pensando em escrever um romance histórico em que esses dois personagens seriam pai e filho. O seu falecimento não lhe permitiu executar essa façanha literária. Contudo, pelo que me recordo da conversa, creio que ele não tivesse certeza quanto a esse vínculo sanguíneo, mas parecia ter certo grau de convicção, pelo menos, fruto, talvez, de cotejos e confrontos de documentos, a que teria tido acesso, vez que ele sempre teve inatacável honestidade intelectual.

A suposição de Cláudio Melo, de certa forma, parece também haver sido inferida pelo médico psiquiatra Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco, porquanto no capítulo X de seu festejado romance Mandu Ladino, narra que o padre Lucé, que criara Mandu desde pequeno, no aldeamento do Boqueirão, o recebera como um “presente de Seu Bernardo da fazenda Bitorocara, longe, muito longe dali, situada numa região encantadora, de campos maiores e mais bonitos, de quantos [Mandu] havia percorrido”. Certamente, o mestre de campo desejava dar ao pequeno formação religiosa cristã e educacional.

Em outra passagem dessa obra de ficção, Miguel, filho do senhor de Bitorocara, vem a se enamorar de uma jovem indígena, de nome Aluhy, que veio a corresponder a essa arrebatadora paixão, após o quero não quero da timidez feminina inicial.

Aproveito a oportunidade para transcrever breve trecho desse encantamento amoroso, em que a moça é possuída pela primeira vez, no cruzamento prazeroso de duas raças: “Então se enlaçaram numa avidez selvagem, a brancura do europeu fazendo contraste forte com a tez trigueira nativa e, num instante, no auge de indizível prazer que lhes sacudia os corpos, na perfeição efêmera de um momento, o mundo lhes pareceu eterno, sem tabus, sem raças e sem fronteiras, só um homem e uma mulher”. Essa lídima prosa poética, que bem se prestaria a ser uma alegoria ou ilustração literária da miscigenação brasileira, me fez recordar os magistras versos de Martins Napoleão, com que ele encerra o **Poema da forma eterna**, como num êxtase e síntese: “Da forma em que se transfunda, num jato, a substância / Do momento imortal, único, entre os dois limites extremos e inúteis do tempo fugaz”.

Do meu conhecimento, inclusive através de pesquisa no Google, não existe retrato autêntico, fiel, de Bernardo de Carvalho, mas apenas idealizações, frutos da fantasia de artistas, entre as quais cito as executadas por quem elaborou a capa do livro biográfico da autoria de Pe. Cláudio, a que ilustra meu poema que o homenageia (inserida em meu livro Cromos de Campo Maior, 2ª edição), da autoria do campomaioirenses João de Deus Netto, e a obra prima feita pelo parnaibano/carioca Gervásio Castro, estampada na capa deste opúsculo.

As sagas de Bernardo de Carvalho e de Mandu Ladino, cujas biografias ainda não foram completamente elucidadas e escritas, são duas verdadeiras epopeias da História do Piauí, talvez entrelaçadas, dignas do talento e da atenção de historiadores, romancistas, poetas, pintores e escultores.

De minha parte, em textos avulsos, já escrevi sobre Bernardo, tanto em prosa como em versos. No poema El Pacificador, conquanto de forma sintética e modesta, lhe exaltei a vida e as obras gloriosas. Entretanto, ele bem merece que um poeta genial lhe erga um verdadeiro e monumental poema épico, uma epopeia verdadeiramente homérica. Que outros façam mais e melhor. Parodiando Castilho, fiz o que pude.

X – POBREZA E MORTE

Na “Observação Final”, padre Cláudio Melo confessa que seu livro talvez tenha se tornado enfadonho em virtude das inúmeras e longas citações que fez; e ele as fez exatamente para comprovar a sua narrativa histórica, para que não fosse mera hipótese, especulação, suposição ou adivinhação. Ora, isso que ele viu como um defeito, é talvez o seu maior mérito, porquanto a verdade é a maior virtude de um historiador. Ademais, a verdade é sempre revestida de beleza, mormente no seu caso em que ele reconhece que tinha condições de dar melhor forma literária à sua obra, mas que se despojara dos torneios estilísticos, para que nada “obnubilasse o realismo encantador da epopeia que foi a vida de Bernardo de Carvalho”. Sem dúvida tinha estofo para tal, e isto fica provado com a redação do capítulo IX, em que narra a morte de seu biografado. A verdade é que ninguém, estribado em provas documentais, e não mera ilações, terá autoridade intelectual para refutar a obra de Pe. Cláudio Melo.

O livro tem 62 notas, referentes aos documentos transcritos ou citados, com que ele comprova o que descreve e narra. Fico a imaginar o trabalho penoso, solitário, que o grande historiador teve, em Lisboa, para localizar esses velhos papéis, que lhe foram úteis, e vários outros, que não lhe serviram; e depois lê-los, analisá-los, interpretá-los, cotejá-los e transcrevê-los. Cabe ressaltar que muitos desses documentos certamente já estavam quase ilegíveis, e muitas caligrafias são bastante rebuscadas, torneadas, estilizadas, o que dificulta a celeridade da leitura.

Um dos mais belos textos que já li é aquele em que Platão nos conta como foram os momentos finais de Sócrates, como foi o esplendor do ocaso glorioso do sublime filósofo. Iguamente, Cláudio Melo, em belas construções de linguagem, revela os momentos finais da vida de Bernardo, sem lhe regatear os merecidos elogios. Trata-se, em certos momentos, de verdadeira prosa poética, na qual a saga de sua vida é convertida em belíssima elegia, em réquiem de louvor, em vibrante, embora merencório, hino de glorificação, em que quase se ouve o som sutil do gotejar de sentidas lágrimas.

Forçoso me é passar-lhe a palavra, nesta parte final de meu trabalho:

“O hercúleo Carvalho, nobre gigante dos sertões piauienses, tombara silencioso, porém brutalmente esmagado pelo sentimento deprimente e mortal da consciência da ingratidão de muitos a quem chamou amigos e para quem viveu. Ele que de frente sempre altiva arrostara centenas de ataques do gentio revoltado, ele que jamais se dobrou às perseguições, nem cedeu diante de pressões de poderosos, ele que desdenhou a fome e a sede, que desvalorizou a saúde, o peso da idade e o desmoronar de uma fortuna que o colocara entre os principais de toda Capitania [do Maranhão, que incluía o território piauiense], agora sucumbia ao peso da decepção”.

Ele que durante quase meio século prestara serviços a Portugal, ao Brasil, ao Maranhão e ao Piauí, custeando missões oficiais, guarnecendo desobrigas, instalando fazendas, contribuindo para ereções de capelas e igrejas e participando de campanhas militares, em cujas obras empregava seu labor pessoal, seus cabedais e seus homens, morreu na pobreza e endividado. Seu filho, Miguel de Carvalho e Aguiar, fundador de Barras, chegou a declarar que não iria pagar suas dívidas, uma vez que nada herdara. Mas não morreu só. Diz o seu mais notável biógrafo: “Não! O velho guerreiro não morreu só; com ele estavam um punhado de índios e poucos pares de escravos agradecidos e que generosos cuidaram de seus últimos momentos, fiéis lhe cavaram o leito mortuário e prontos levaram à cidade do Maranhão e à fazenda da Conceição das Barras a notícia de que por fim o Herói das Conquistas alcançara a imortalidade”.

A notícia de sua morte chegou a São Luís em abril de 1730. O historiador afirma que esse fato foi agradável aos que detinham os cofres públicos. Passo-lhe a palavra novamente: “Talvez no Convento das Mercês e, com certeza, no Colégio da Luz, os sinos entoaram seu canto de saudade e sufrágios se fizeram ao Deus Altíssimo. Na velha Mocha, algum tempo depois, ao saber do

infausto, o Pe. Tomé de Carvalho recordou com preces ardentes as generosidades do parente e amigo”.

Ele que fora um dos homens mais ricos da capitania, e que foi, em determinado momento, a mais alta autoridade do território piauiense, teve bens confiscados pela Coroa, à qual servira, quase sempre em serviços e missões que ele próprio custeava, em virtude de dívida contraída pelo capitão-mor João de Sousa Silva, tesoureiro da alfândega da Bahia, da qual fora fiador. Por motivos desconhecidos, o capitão-mor não pagou o débito, razão pela qual vieram ordens de Lisboa para que os bens de Bernardo fossem confiscados. Pela beleza e emoção do texto, retorno a palavra ao eminente historiador Cláudio Melo:

“Bernardo de Carvalho e Aguiar, o Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e do Maranhão, foi sepultado na sua igreja de São Bernardo no Maranhão, em uma humilde tumba, sem lápide que indicasse aos pósteros o local exato de seu último leito. Era o que índios e escravos lhe podiam dar.

Um montão de terra sepultou-lhe para sempre o cadáver.

Há homens porém que embora sepultados os corpos, nunca têm incinerada a memória. Ninguém conhece o túmulo de Bernardo de Carvalho, mas sempre se saberá onde estão os seus feitos, porque todo aquele que realiza grandes obras tem a sua recompensa na memória dos que o sucedem.

Os heróis não morrem, senão na visão dos seus contemporâneos. Como sementes, são lançados sob o solo para que depois germinem, produzam frutos e muitas sementes que os perpetuam no multiplicar-se dos anos.

Bernardo de Carvalho na sua bondade e fé estará sempre lembrado nas pedras da Catedral de Oeiras e particularmente na belíssima Custódia de ouro e pedras preciosas que ele ofereceu ao seu Deus sacramentado, e hoje é expressão material da riqueza de seu coração fiel.

Para os que são inclinados à vida política, será sempre o modelo ímpar de homem público devotado, sem interesses nem concessões duvidosas, nobre no sangue, no caráter e nos feitos.

O seu amor sem limites a Portugal e ao Piauí, aos quais serviu sem hesitação, por quase meio século, no magnífico exemplo de sua vida e morte, hoje lhe dão a primazia entre os construtores de nossa sociedade.

Bernardo de Carvalho e Aguiar é e será sempre a glória primeira de Campo Maior, o precioso marco inicial de São Miguel do Tapuio, o fundamento insubstituível da civilização piauiense, o nome sem o qual não teremos História”.

Louvando-me sobretudo na biografia escrita pelo padre Cláudio Melo, um dos mais notáveis historiadores do Piauí, e nos escritos correlatos dos demais pesquisadores, referidos ao longo deste pequeno ensaio biográfico, compus o poema El Pacificador, no qual exaltei Bernardo de Carvalho, em virtude das obras que ele erigiu, das ações sociais que desenvolveu, e por ter construído e/ou consolidado as bases administrativas e hierarquizadas do que viria a ser a capitania, a província e depois o estado do Piauí, bem como por ter contribuído com sua probidade, com o seu espírito público e humanitário para a pacificação do povo piauiense, cadinho cultural de três raças, que se miscigenaram de forma indissolúvel e incontrastável.

POSFÁCIO

Sobre “Bernardo de Carvalho – o fundador de Bitorocara”, por Elmar Carvalho

Gilberto de Abreu Sodr e Carvalho

Romancista, historiador e genealogista

Foi publicada a segunda edição, revista e ampliada, de “Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara”, neste ano de 2015, como livro eletrônico pela AMAZON. A qualidade historiográfica da obra me enseja, irresistivelmente, a falar sobre ela.

A segunda edição é tão rica em novidades e na criação de contextos históricos importantes, que poderia ter um novo título. Acresce que o “volume” digital cont m anexos muito úteis de matéria relacionada com o corpo do texto.

Outro ponto, que me encanta,   que o festejado poeta e ensaísta Elmar Carvalho, meu primo remoto, com quem compartilho o mesmo sobrenome Carvalho, nos remete, aos dois juntos, o escritor e eu, o seu leitor, aos nossos velhos antepassados Carvalho de Almeida do Piauí. Nada mais prazeroso, para ele, eu imagino, como seria para mim (que tiro proveito fazendo esta resenha), que escrever sobre Bernardo de Carvalho e Aguiar. Esse heroi foi tio dos nossos ancestrais, em comum, Manuel e Antônio Carvalho de Almeida, e dos seus irmãos procos: Miguel de Carvalho, Tomé de Carvalho e Silva, e Inocêncio de Carvalho, esse último ativo no sul.

O livro é um ensaio histórico, com sustentaco bibliográfica pertinente, sobre Bernardo de Carvalho, senhor da fazenda Bitorocara, da qual se originaram Campo Maior e outras cidades. Foi ainda o realizador da conquista portuguesa das terras nortenhas do Piauí.

A questão da localização geográfica da antiga fazenda Bitorocara, que pertenceu ao grande Bernardo, sugere algumas palavras minhas sobre o assunto, em linha com o que é trazido de informação pelo autor. O assunto é bem coberto por Elmar Carvalho, no bojo da sua ágil e agradável narrativa sobre a vida notável de Bernardo de Carvalho, mestre de campo e cavaleiro da Ordem de Cristo.

A velha vila de Campo Maior, no Piauí, teve uma extensão original vasta, na medida em que correspondeu a boa parte da área que esteve sob o domínio de Bernardo, no final do século 17 e início do 18. Com o tempo, desde o ano de 1762, data da criação da vila, o seu território foi sendo reduzido, com a formação de entidades políticas novas, ou seja, vilas e municípios, mediante desmembramentos. Tais novos municípios surgiram a partir do desenvolvimento de antigas ou de novas circunscricoes proprietárias, a dizer, fazendas com seus currais, em combinação com freguesias, no sentido de paróquias católicas ao mesmo tempo que unidades políticas seminais.

Na fase histórica anterior  organização político-administrativa do Brasil, os rios foram importantes. Eles serviam tanto para dar acesso a novas áreas para a conquista e ocupação da América Portuguesa, como para nomearem-se as regioes e os sítios, na falta de outras alternativas mais pertinentes. São assim comuns em todo o Brasil, e no Piauí, topnimos que remetem a um rio, quase sempre antecedido por um nome de santa ou de santo. Os rios garantiam aos conquistadores o comércio, o transporte de gente comum e de guerra, a nutrição direta mediante os peixes e os demais, as melhores pastagens as suas beiras, a água para a irrigação da lavoura e a energia para os moinhos.

Elmar Carvalho, em seu ensaio histórico, registra, com desenvoltura e ótima síntese, a argumentação do saudoso padre Cláudio Melo sobre a localização da fazenda Bitorocara, do final do século 17. Tal fazenda foi a origem, por via do povoado do Arraial Velho, nela situado, da freguesia, da vila e da posterior cidade de Campo Maior.

O fato, comprovado pelo Padre Melo, com o imediato acatamento de Odilon Nunes (que antes pensava o rio Bitorocara ser o rio Piracuruca), é de que a fazenda Bitorocara tinha, por território nuclear, a região da confluência dos rios Longá, Surubim e Jenipapo. Se o rio Bitorocara fosse o rio Piracuruca, a fazenda Bitorocara não poderia geograficamente corresponder a Campo Maior. São justamente os elementos de convicção, de natureza geográfica, que levam a entender-se que o rio Bitorocara é o mesmo que foi, em seguida, chamado de rio Longá. Disso, dessa conclusão, percebe-se a antiga fazenda Bitorocara no seu verdadeiro lugar.

Ocorre que, de antes, no tempo de Bernardo e por conta de ele o ter chamado desse modo, o rio Longá era conhecido como rio Bitorocara, e o rio Surubim era chamado de rio Cobras. O nome Bitorocara só consta da “Descrição do sertão do Piauí”, escrita, em 1697, pelo padre Miguel de Carvalho, sobrinho do grande Bernardo.

A argumentação de Elmar Carvalho, sobre a origem do atual município de Campo Maior na fazenda Bitorocara, é a apresentada originalmente, com bastante documentação, pelo Padre Cláudio Melo no seu “Os primórdios de nossa história”, de 1983, páginas 167 a 176, reafirmada por Afonso Ligório Pires de Carvalho, em “Terra do gado – a conquista do Piauí na pata do boi”, Brasília: Thesaurus, 2007, e, mais recentemente, por Valdemir Miranda de Castro, em “Enlaces de famílias”, 2014.

Existem, em Elmar Carvalho, mais argumentos em favor de o berço de Campo Maior ser a fazenda Bitorocara, com sua sede na confluência do rio Longá, antigo Bitorocara, com o rio Surubim e o rio Jenipapo. Mais exatamente, na junção do Longá com o Surubim. Ocorreu de a fazenda Bitorocara ter abrigado um arraial militar, chamado, após os anos, de Arraial Velho. É, com esse nome, que consta do testamento de Miguel de Carvalho e Aguiar, filho de Bernardo, que o passa à sua neta. Tal sítio - de encontro de homens de guerra lusos, mestiços e indígenas - foi estratégico na conquista do norte do Piauí aos índios. Do Arraial Velho, ou seja, da povoação permanente que lá se instalou, surgiu uma freguesia, sendo o primeiro pároco o padre Tomé de Carvalho e Silva, sobrinho de Bernardo e irmão inteiro do padre Miguel de Carvalho. Dela, da freguesia, em seguida, se teve a vila e, por fim, o município de Campo Maior.

Bitorocara, na confluência dos três rios, dava meios para deslocamentos variados de forças armadas de portugueses e índios aliados. Neste cenário físico, o mestre de campo Bernardo de Carvalho e Aguiar, cavaleiro da Ordem de Cristo, era o chefe militar, sendo seu lugar-tenente Manuel Carvalho de Almeida, seu sobrinho e irmão inteiro do padre Miguel de Carvalho.

Em suma, a obra de Elmar Carvalho é uma leitura importante para os campomaioreses, para os estudiosos da formação histórica do Piauí e do Brasil e para os piauienses e brasileiros em geral. A leitura da biografia desse grande homem é muito relevante em um tempo de penúria cívica.

BIBLIOGRAFIA:

1. Pe. Cláudio Melo
Bernardo de Carvalho
2. Cláudio Bastos
Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí
3. Wilson Carvalho Gonçalves
Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado
4. Afonso Ligório Pires de Carvalho
Terra do Gado
5. Reginaldo Gonçalves de Lima
Geração Campo Maior – Anotações para uma Enciclopédia
6. João Gabriel Baptista
Etnohistória Indígena piauiense
7. Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco
Mandu Ladino (romance, 2ª edição)
8. Heitor Castelo Branco
Desagravo ao Major João do Rego Castelo Branco
9. Claudete Miranda Dias e Patrícia de Sousa (org.)
História dos Índios do Piauí
10. João Alves Filho
Histórico da Igreja de Santo Antônio
11. Paulo Bonfim
50 Anos de Poesia
12. Pe. Miguel de Carvalho
Descrição do Sertão do Piauí
(Comentários e notas do Pe. Cláudio Melo)
13. Os Carvalho de Almeida do Piauí
Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

14. Mapa Geohistóricos

João Gabriel Baptista

15. Barras: histórias e saudades

Antenor Rêgo Filho

16. Enlaces de Família: uma genealogia em construção

Valdemir Miranda de Castro

II - ANEXOS

Poemas, crônicas, ensaios e outros textos

CROMOS DE CAMPO MAIOR

Elmar Carvalho

2015

Cromos históricos

Houve um tempo em Campo Maior de convivências sincronizadas pelos caminhos do gado. Urdido no gene dos currais de carnaúba, firmado nos muros de tapiacanga, consolidado nos barreados de terra crua e ladrilhos de terra cozida, arejado de gramíneas carminizadas, embalado ao aboio do vaqueiro refluído, relações de vizinhanças teceram ali uma paisagem de interdependências físicas, sociais e espirituais.

No réquiem da independência, manteve-se orgânica e integrada. Mas, nesses campos guarnecidos de muralhas de carnaúba, a hospitalidade curraleira não preconizou baluartes à invasão de ativistas da ignorância.

Daquele viver comunal, remanescentes estruturais protagonizam, agonizantes, essa volatilizada paisagem, reavivada aqui por esses cromos de Elmar.

Cromos que têm a gama do arco-íris, fluído das águas mansas do Surubim, irradiando virtudes da dimensão sertaneja, que forjam o resplendor desse Santo Antônio lugar.

A luz refratada desses épicos viceja o espectro da ideologia política e religiosa que deu vida a essa urbe rural, hoje desencantada pelos monumentos do mal. Mais que elegia, gritam história. Fixam memória. Transbordam sentimentos. A rigor são cromossomos referenciais de uma paisagem em decomposição.

Precisam ser velados no crepúsculo da desilusão. Precisam ser projetados além das fronteiras do Açude Grande, das rasas águas do Longá, da Serra de Santo Antônio... mas, especialmente, vertidos nesse próprio anfiteatro barroco de liberdades sangradas, escurecido pelas luzes de neon.

Olavo Pereira da Silva f.

A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO

Pe. Cláudio Melo

A publicação destes Cromos me causou muita satisfação, como se fossem de minha autoria.

Pensando bem, sem querer tirar o mérito do jovem e esperançoso poeta, me arrisco a dizer que Elmar Carvalho é um fiel redator e intérprete, porque estes versos não são apenas dele, são meus, são de Cunha Neto e de quantos mais.

Todo campomaiorense apaixonado por sua terra, mesmo analfabeto, tem no espírito a mesma Elegia, sente no dia a dia as mesmas inspirações, vive sob o mesmo encantamento, ao recordar os doces anos da infância, ao contemplar de longe a Serra Grande “onde vagam fantasmas penados em busca de furnas de ouro”, onde o céu se dobra sobre a velha Bitorocara. O pequeno Açude Grande é inspiração do poeta, cartão de visita da cidade, doce recordação dos tempos de cargas d'água em ancoretas. A bonita e imponente Catedral faz quantos jovens brincar com as nuvens e as estrelas, e os de minha idade ver uma escada em demanda do céu. O Surubim, quem o pode esquecer? Impetuoso e forte nas invernadas da vida, calmo e tranquilo no outono do existir, leite seco ou com pequenos poços, no verão forte do nosso viver.

Quem não repete anualmente as alegrias do belo festejo de Santo Antônio? Quem não recorda, com saudades, a bandinha do Antônio Músico? Quem não se alegra com os novos valores que aparecem?

Descendentes de vaqueiros, todos veneramos como um símbolo o gibão e as perneiras dos construtores de nossa primeira economia, como admiramos os majestosos testões chifrudos de bois dependurados nos alpendres e salas das fazendas.

“O vaqueiro e o cavalo se fundem e se confundem” aplaudidos pelo farfalhar das palmas dos carnaubais.

Estes Cromos, repito, são meus, são de Octacílio Eulálio, de Dona Marion Saraiva, de Valdivino Tito, de Miguel Borges, de Bernardo de Carvalho.

Elmar Carvalho os escreveu com a inspiração de Moisés Eulálio, com a musicalidade de Major Honório, com o ardor de Lívio Lopes, com o patriotismo dos que tombaram no memorável 13 de Março, com a juventude desta geração da AUCAM.

A Elmar devemos a maravilhosa redação destas páginas que sempre imaginamos sem as escrever, fazendo-se perfeito intérprete desta nobre gente que há trezentos anos Bernardo de Carvalho organizou.

Obrigado pelo bom serviço.

Quando pela primeira vez discurssei junto ao túmulo dos que tombaram no Jenipapo, eu disse que Campo Maior é berço de heróis e de intelectuais.

Elmar Carvalho é mais uma prova disso.

Teresina, 07 de Setembro de 1995

ELEGIA A CAMPO MAIOR

Na paisagem plana do tabuleiro

campeava sozinha a solidão.

Ao longe, nas manhãs de inverno,

a serra cachimbava suas névoas.

As névoas se misturavam com as nuvens

que rondavam sobre o cume.

As águas mortas do açude

tudo viam e tudo refletiam.

À tarde o aboio dolente do vaqueiro

partia a solidão que tudo presidia.

E o aboio sem resposta

– eco de si mesmo – repetia-se e se extinguia.

O canto rascante e áspero de grilos e cigarras

arranhava o veludo macio do silêncio.

Os cupins espalhados pelo tabuleiro

eram pedras de um jogo em que a

tristeza jogava paciência com a solidão.

E a palma da carnaúba acenava

para vivalma que nunca partia ou

para um fantasma que jamais chegava.

O menino em seu cavalo de talo de carnaúba

campeava seu rebanho de nada

pela fazenda do não-ser.

Campeava seu rebanho de bois de jatobá

por entre manadas de formigas
que pastavam tapetes de babugens
por entre cupins que erigiam moradas
de solidão na solidão da chapada.

E a serra se erguia do plano descampado
cachimbando suas névoas
para um céu que sequer olhava.

Cachimbando suas brumas
como um Sinai que fumegasse.

Diz a lenda que a serra é uma cidade
encantada. Diz o povo que em suas encostas
vagam fantasmas penados em busca de furnas
de ouro. Mas nas cavernas apenas a onça
faz morada.

Mas o menino ainda assim esperava pelo
desencantamento da serra em vão esperado.

Porque o menino era um poeta
que campeava pelo campo do sem fim
o seu rebanho de sonho e solidão.

CROMOS DE CAMPO MAIOR

I

Açude Grande

apenas no nome, mas pequeno

na paisagem ampla dos descampados.

Tuas águas cinzentas

azularam-se em minha saudade.

Tuas águas barrentas

são tingidas de azul pelo

azul do céu que se espelha

em tuas águas de chumbo.

Em ti os pobres lavam

coisas e se lavam,

apesar das placas, dos guardas

e da postura municipal.

II

Serra Grande

de Campo Maior.

De longe parece

uma dobra do céu.

Nela eu menino fui

buscar uma pedra azul.

Ledo engano, triste decepção:
minha serra era da cor da terra.
Dizem que nela vagam os
fantasmas de uns padres que em
suas entranhas enterraram ouro.
É por isso que nas noites negras em
suas encostas acendem-se fogueiras:
é meu povo pobre procurando
o (tes)ouro vigiado pelos
fantasmas dos padres.

III

A catedral de
Santo Antônio do Surubim
é bonita e imponente.
Sua torre faz
cócegas nas nuvens:
dir-se-ia uma espada de
Santo Antônio a brincar
com as nuvens e com as estrelas
ou uma escada em demanda do céu.

IV

O rio Surubim cheio de
outros peixes e de surubim

não se parece nem com
peixe nem com cobra prateados:
no inverno é uma corrente de água viva.
É nele que as lavadeiras ganham a vida,
que os afoitos perdem a vida,
que os meninos pobres brincam de ser
apenas meninos – nem ricos, nem pobres.

Rio Surubim

onde os pe(s)cadores pe(s)cam
peixes e sereias de coxas grossas
e sem escamas
na doçura de suas margens
na maciez de suas moitas mornas.

V

O Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo
recorte de concreto contra a seda azul do céu
em pleno e plano tabuleiro dos grandes campos
de Campo Maior
não obstante bonito é apenas um símbolo da
coragem dos filhos da Terra dos Carnaubais
e de outras terras
porque ela já fora indelevelmente
(de)marcada a ferro e fogo
em nossa memória e na

p' alma de leque das carnaubeiras e na
p' alma de nossa mão e de nossa alma.

VI

Festejo de

Santo Antônio do Surubim:

sob as estrelas do céu

sob as estrelas de lágrimas da pirotécnica

foguetes estilhaçam ruídos e silêncios

enquanto a bandinha do Antônio Músico

ataca com o (dobrado) Capitão Caçula

a fil(h)armônica do Antônio Músico

toca a valsa Coração Magoado

da autoria de seu pai

– Major Honório Bona Neto.

A bandinha do Antônio Músico

deflagra lentas valsas

lânguidos boleros

lépidas marchas

sob a batuta batuta

do seu filho Antônio Francisco

– maestro excepcional –

em sua cadei(a)ra de rodas.

VII

Na casa grande da fazenda

o brasão é uma grande

caveira de boi erado

de chifres enormes

às vezes descrevendo

curvas

como obra de arte.

O vaqueiro e o cavalo

se fundem e se confundem na desabalada

alada

carreira quase voo

campeando gado pelos campos

de Campo Maior.

A perneira e o gibão

dependurados na parede

como se vestissem invisível corpo

são a lembrança palpável do vaqueiro

morto na desobriga.

O vaqueiro em seu terno de couro

– segunda pele áspera de seu corpo –

solta seu canto de guerra

e paz: o aboio – eeeeei! boooooi!

O eco é o aboio de

outro vaqueiro: – eeeeei! boooooi!

EL PACIFICADOR

Não tanto herói das Conquistas

muito menos El Matador

muito mais El Pacificador.

Bernardo de Carvalho e Aguiar

seu nome honrado

ainda vibra no ar,

nas cidades, nos currais

e nas igrejas que semeou.

Os dedos longos dos campanários ainda

apontam as etéreas campinas celestiais.

Da fazenda Bitorocara,

plantada nas margens do Surubim,

rebentou a cidade encantada

dos planos campos maiores,

dos carnaubais vastamente dilatados.

Valoroso na guerra,

amante e pacífico na paz,

seu braço guerreiro

curava e amparava

no final dos combates.

Por isto

sua bondade e justiça

os índios por justiça respeitavam.

FAZENDA TOMBADOR

Em vez de tombamento
a protegê-la da usura,
sem limites e sem pudor,
e das mordidas vorazes
do tempo e do vento,
literalmente tombaram
a Fazenda Tombador.

Lançaram ao desabrigo,
em eterno e impiedoso castigo,
os históricos fantasmas
do tempo da Batalha,
que ficaram ao relento,
expostos à chuva e ao vento,
sem vestes e sem mortalha.

Quando literalmente tombaram
a Fazenda Tombador,
nenhuma voz se levantou,
nem mesmo a voz de alguém,
que clamasse no deserto, clamou.

E a Fazenda Tombador
literalmente tombou.

Pela ânsia bruta da ganância,

da Fazenda Tombador, rediviva,
em nossa repetível retentiva,
restou apenas o retrato da saudade
numa redoma de dor.

A ZONA PLANETÁRIA

Poema épico moderno, inspirado no meretrício Zona Planetária, de Campo Maior, em que procurei mesclar a mitologia greco-romana, a astronomia e a sociologia dos cabarés. Na Zona Planetária cada um dos lupanares ostentava na fachada o nome e a imagem de seu planeta correspondente, entre os quais Saturno e seus anéis. Irei, no blog, publicando cada uma das dez unidades desse relativamente longo poema. Fui instigado/intimidado a escrevê-lo por Walter e Silva Mendes, meu colega na SUNAB/DEPI e que fora amigo de meu pai.

O SISTEMA PLANETÁRIO

Anfion percorre os sulcos
dos discos das vitrolas e as
emoções são alinhadas pedra a pedra.
Apolo é qualquer moço feio
que nos vitrais Narciso se julga.
De repente, Átropos corta o fio da vida
que era tecido pelas Parcas lentamente
pelos golpes de facas, adagas ou estiletos
nas mãos de um velho Pã embriagado.
Baco e suas bacantes celebram suas
lúbricas bacanais e bebem vinho
e sangue em frágeis taças de cristais.
Nas calçadas altas da Zona Planetária
meretrizes expõem suas carnes
em varais de açougues imaginários
aos transeuntes ou faunos eventuais,

nas horas em que Hélios esboça a Aurora.
Ali, os desejos são Ícaros leves que sobem
nas asas de cera do pensamento, quando
Nyx, filha do Caos, com seu negromanto
lantejoulado de estrelas e sua
coroa de dormideiras, a noite,
o sonho e a orgia instaura.
Cupido passa com seu
séquito de sátiros e de ninfas
pelas calçadas e salões da Zona Planetária
e Eros proclama seu reinado
de orgia, prazeres, orgasmos e pecados.

MERCÚRIO

Deus, dos deuses mensageiro
e moleque de recado do Olimpo.
De baixa rotação em torno de seu eixo,
mas de alta velocidade ao redor de Hélios
e de alta rotatividade em suas
camas redondas e antecâmaras ardentes.
Profissional do amor e da malandragem
surrupiou a aljava de Cupido
usando o tridente roubado de Netuno.
Usurpador de trono, de Júpiter, seu

pai, o cetro ferétreo furtou.

Proscrito do céu pelos seus crimes

a ele retornou forçando suas barras.

Arauto predileto dos editos de Eros e de Baco,

pregoeiro primeiro do “é proibido proibir”,

instituiu as grandes orgias

e as gigantescas bacanais.

Detentor do mágico caduceu em que

duas serpentes abraçadas nele se enroscavam,

em sinal de cura e reconciliação,

sob cujo poder legião de sádicos e masoquistas

da fúria fremente do sexo se apaziguavam.

Sob seu poder as hostes dos sátiros e das ninfas

e dos sacerdotes e das vestais

dos rituais de Masoch e de Sade

nos turbilhões do sexo se exauriam

e, novas Fênix, da exaustão o sexo retomavam.

VÊNUS

Calipígia, a de belas nádegas,

envolta em véus diáfanos

de calor em seu azul,

nas camas nebulosas Cupido concebeu.

As Graças, cheias de graças mil,

formosas, pródigas em amabilidades
aos Risos, entravam no salão,
flechadas por Cupido no coração.
Himeneu às vezes retirava uma
das mulheres da vida do planetário
e às núpcias a conduzia
sob o brado das que ficavam:
Himeneu! Himeneu! Himeneu!
Calipígia, de belas nádegas navegantes,
de bela bunda popozuda e rebundolantemente ondulante,
de ondulantes ancas e colos coleantes
por mares bravios de cios,
com seu séquito de Graças e de Risos
imersa em seu manto azul
estampado de nuvens de espumas,
faz as honras do salão.
Bela deusa do amor,
fugiu do amor do
horrendo Vulcano e de
sua forja de relâmpagos e trovões
por órbitas nunca
dantes devassadas,
e ao amor de Adônis se entregou,
a quem morto muito muito pranteou,
a quem à vida, como anêmona
embora, à vida o retornou.

Sacerdotisa suprema do amor

– de todos os seus ritos e mistérios –

ao amor por inteiro se consagrou.

TERRA

Pela teogonia dos mitos concebida,

do Caos a Terra foi erguida

e Urano gerou, o firmamento,

que filho e marido se tornou.

Rainha de minguado reinado

e de cortejo mais escasso: apenas

Diana, a lua, caçadora

e caçada multifária

com suas quatro fases/faces,

a casta chamada, a fugir de Orion

por entre os juncos dos nevoeiros esgarçados

que entremostam sua nudez.

Lua, amada e desejada, mas

por si mesma sempre negada.

Amante dos dementes e pródigos, no plenilúnio,

dos avaros quando nova,

teu crescente e minguante

são foices que não cortam não.

Em teu colo materno

mesmo as Fúrias se aplacavam.

De teu ventre irado

lavas e maldições são vomitadas

pelas bocas de fogo dos vulcões.

Azul planeta dos astronautas,

já devassado e sem segredo,

em que os faunos e as ninfas

do sexo conhecem todo mistério

e por isso, bocejando de tédio,

tomam novas posições jamais tomadas.

MARTE

Ó sangrento e sanguinário

planeta, tua cor esvaiu-se

do mênstruo das mulheres.

Deus guerreiro, deus do belo amor

do bélico

furor das Ninfas maníacas mordedoras

dos sádicos dráculas desdentados,

mas de hábeis ventosas sugadoras.

Planeta das Valquírias

das guerras do amor,

da busca ansiosa e incessante

do paraíso do sexorgasmodorrento

do hidromel emanado dos fluidos da libido.

As armas são espadas fálicas desfolhadas
e triangulares escudos escamados e retentores.

Teu rugido da grande
explosão da gênese e do caos
repercuta nos gritos, nos fungados
e gemidos dos embates sexuais.

Os satélites Fobos e Deimos,
filhos de Marte e Vênus,
amantes do amor (em)bebido em sangue
em suas fatídicas rondas orbitais
espalham o Medo e o Terror.

Marte dos amores lav(r)ados
no sangue das Fúrias e do Terror
dos romanescos crimes passionais
dos sexos decepados pelas guilhotinas
ou cortados pelas espadas
dos homens e mulheres ciumentos.

Marte dos mártires
dos grandes amores matadores.

Planeta das amáveis

das afáveis amazonas

a cavalgarem sequiosas
o enlouquecido cavalo alado
do sexo – Pégaso pegajoso
de esperma e mucosa de vagina.

JÚPITER

As espirais vaporosas da nicotina
do éter das libações embriagantes
e dos vapores de rosas das mulheres
enovelam-se pelas amplas alcovas
onde o sexo ardia

na pira sagrada

na pira pirada

dos amores lascivos

de espasmos e gemidos

grunhidos e rugidos

e deixavam entrever

os vultos lânguidos e lascivos

onde as grandes luas de Júpiter

descreviam suas órbitas

nos colos aconchegantes

das mulheres afagadas

afogadas em desejos despertados.

Grande Júpiter tonante

a rugir nos alaridos

das tempestades do sexo

das paixões desenfreadas.

Quando a irmã Juno

ao incesto arrebatava,

o reinado da desordem

sem fronteiras dos malditos
aos quatro ventos proclamava.
Então, ao revés do antigo Mito,
a Quimera nascia das patas
e asas de Pégaso – pelos pélagos
cavalgado pelas Musas –
cavalo alado do sonho que
sonhava, do sonho de que
jorrava a fonte de Hipocrene.

SATURNO

Devorador voraz de pedras
e de filhos, Saturno, o tempo,
tudo consome e consumia,
e esculpe as volutas das rugas
nos vulneráveis rostos dos mortais.
Devorador do que (filhos) produzia
é usina que se retroalimenta
de sua própria (filhos) produção.
Saturno sim, soturno não, nas
saturnais de venturas e alegrias se esbaldou
e a bandeira do gozo e do riso desfraldou.
Os tímidos seios de Ceres, sua filha,
são maçãs e laranjas e suas

orelhas são conchas ou cornucópias
de onde os frutos da terra se espalham.
Do céu expulso, o Lácio habitou,
e na acolhida de Janus e em
seus múltiplos rostos se encontrou.
Nas várias sendas que o báculo
de Janus apontou, os caminhos da
vida palmilhou, e com a chave
de rei e inventor de portas
as muralhas do tédio destrancou.
Na Zona Planetária, Saturno levita
– leviatã imenso e pouco denso –
com sua cortina de nuvens
e de substâncias vaporosas
– vapores de rosas das mulheres
que dependurados nos dedos
os anéis de Saturno conduziam
os anéis que cintos as
cinturas delgadas abraçavam
os anéis que brincos nas orelhas dependurados
eram aros, eram elos, eram Eros.
Por vezes o anel de crepe de Saturno
é dois anéis nos dedos dos viúvos e das viúvas.
Nos anéis de Saturno os elos são rompidos
no simbolismo redundante da falha de Cassini.
A volúpia e a beleza habitam

as tetas tesudas e a popa polpuda
popozuda da potranca deusa Tétis,
satélite de fero/belo/ero movimento.

A subversão e o inconformismo se insurgem
no retrógrado movimento de Febo,
lua rebelada contra as normas do Planetário.

E Saturno, o tempo, a tudo
devora, deteriora e desafia.

URANO

Filho do Caos, Urano, o firmamento,
com seu longo manto de
estrelas, joias falsas e ilusão
uniu-se a Gaia, a Terra, também
concebida pela gênese do Caos,
de cuja união nasceram os filhos
que Urano prendia novamente
no quente ventre da Terra.

Mutilado por Saturno
a brandir a harpe
ceifadora da lascívia
pendurou as chuteiras
nas tetas caídas das Harpias.

A velhice também é harpe

nos velinhos de libido carcomida.

Urano, pai dos Titãs,

dos desejos tão temidos, tão terríveis,

dos Ciclopes cegos das paixões,

dos ciclones dos desvarios.

Pela atmosfera azulada de Urano,

das neblinas opacas, opalas pálidas,

das inclinações perigosas

do eixo das paixões,

as cortesãs desencaminham

os castos hierofantes do passado.

Desvendar as Esfinges

de luzes frígidas e de

sombras cálidas somente

nos labirintos das circunvoluções

dos cérebros dos amantes

ou compartimentos secretos

dos corações desenganados

desengrenados

pelas paixões desgovernadas.

Suas pequenas luas pastoras

– entrelaçando –

com as suas as órbitas

dos anéis, fazem amor em

suas rondas – rotas de

diligente trottoir

de cortesãs se(x)quiosas
de cortesãs do sexo ciosas.
Por um buraco negro a
esquisita Miranda espia Umbriel,
escuro satélite – mundo morto
espremido em menage troir entre
as frenéticas Titânia e Ariel.
Nas alcovas de luzes negras
o amor é um mistério de sexos
que se amam e se querem devorar.

NETUNO

Nas profundezas do mar Egeu
Netuno subjuga e cria seus indomáveis corcéis
e emerge do oceano em seu
carro – concha puxada pelos hipocampos
a campear o rebanho
das verdes ondas do mar.
As Náiades, ninfas das águas doces,
dos doces amores tediosos,
nas embocaduras dos rios observam
as Nereidas a cavalgarem
seus cavalos-marinhos
pelas águas salgadas
dos turbulentos amores de ardentias e procelas.

Netuno, com seus cabelos crespos,
revoltos, de algas marinhas,
busca a ninfa Anfitrite,
filha de Nereu, o deus-mar Egeu,
e a toma por esposa.

Cavalos-marinhos alçam a cabeça
e rinçam e relinçam no
furor da busca desenfreada.

O tridente de Netuno agita
as ondas e a terra
no ardente chamado do desejo.

Uma Nereida dá o seio
a um leão marinho
que lhe devassa o resguardo
da concha recôndita do prazer.

Tritão em sua órbita retrógrada
apazigua o sexo dos ardentes
e as ondas marinhas se aplacam.

Outro satélite, Nereida,
com sua alongada órbita,
em busca das paixões tangenciadas,
apascenta seu desejo.

Ceres em sua arte/manha de fêmea

– querendo mas negaceando –

em égua se transmuda:

Netuno em cavalo se transforma

e a possui em furiosas e poderosas estocadas.

O triste ciclope Polifemo
contempla o triunfo da Galateia,
em sua concha arrastada pelos Delfins,
escoltada pelos Tritões e pelos Amores,
e sobre o rochedo soluça em sua flauta
magoadas elegias.

Os Tritões e as Tritônidas
com seus suntuosos rabos de peixes
reciprocamente se enrabam.

Netuno, com seu cortejo de Delfins,
manda soar a concha espiralada,
trombeta de som ondulante,
que se desdobra pelas ondas do sem fim
a repercutir nos labirintos dos ouvidos
nos meandros dos átrios e ventrículos
dos corações sem couraças.

PLUTÃO

Nas densas e tenebrosas trevas
do Inferno, vasto reinado de Plutão,
vagam as negras águas do Estige,
em cujas margens os deuses
proferem seus espantosos juramentos.
As águas negras pela planície

silenciosa dão nove vezes a volta
ao Inferno com seus juncos que
entremostam a nudez da ninfa Estige.
Pelo enorme e lamacento bátrato Aqueronte
passam as lamurientas sombras que Caronte
conduz pelas sombras pavorosas
do Inferno a remar seu barco-fantasma
iluminado pelos seus olhos de braseiro,
a retirar o óbolo derradeiro
da boca dos que morreram.
E ali nos domínios de Plutão
mergulham as sombras dos mortos
na água do Letes e dela bebem
em busca de paz e esquecimento.
Nos portões do Inferno
o guardião Cérbero late e ruge
com suas grandes coleiras de serpentes
e suas três cabeças de dentes envenenados.
Hécate invoca as Fúrias vingadoras
que das sombras culpadas se apoderam,
e dançam em rondas fúnebres
e cantam canções funestas em que
relembra culpas, remorsos e pecados.
Hécate, a grande mágica, com seu
préstito de cães infernais, é aquela que
age de longe e repele – frígida e bela.

As Mineidas tecem belos tapetes
para belos amantes que não terão
e os tapetes em feias asas se transmudam
para os horrendos morcegos que elas são.

O mais distante dos planetas, Plutão,
confinado com Prosérpina no limbo
do Planetário, cumpre sua órbita
excêntrica, talvez astro desgarrado
da tirania de Netuno, enfim dono
de sua própria rota do destino.

ORAÇÃO A CAMPO MAIOR

Discurso de posse de José Elmar de Mélo Carvalho na Academia de Letras do Vale do Longá, ocorrida no dia 23.05.97, no IATE Clube de Campo Maior. Nessa solenidade estavam presentes vários amigos do novel acadêmico, muitos vindos de Teresina, outros de mais longe, como o Dr. Lauro de Andrade Correia e o poeta Alcenor Candeira Filho, provenientes de Parnaíba. Compareceram, ainda, seus parentes e amigos Domingos José de Carvalho, José dos Santos Carvalho (Bilé) e Geraldo Majella de Carvalho, membros da ALVAL. Geraldo Majella recebeu Elmar Carvalho com um magnífico discurso de recepção, que comoveu e encantou os seus pais.

Inicialmente desejo agradecer aos membros da Academia de Letras do Vale do Longá por me terem franqueado o seu pórtico de entrada. Não irei resvalar no lugar comum de dizer que foi apenas graças à bondade dos senhores, pois se assim o fizesse estaria a proclamar que o mérito e o valor literário não existiriam como pressupostos de ingresso nesta augusta casa de cultura e de letras. Portanto, agradeço-lhes por me terem feito justiça e por me receberem com tamanha boa vontade e fidalguia.

Quero, logo de início, desincumbir-me da obrigação regimental de falar sobre o meu patrono e sobre o meu antecedente, o que faço com muito gosto e entusiasmo. Celso Pinheiro, o patrono da cadeira que me é destinada, nasceu em Barras, no dia 24 de novembro de 1887. No dia em que faleceu, 29 de junho de 1950, o Piauí, já tão pobre e sofrido, perdia também, por cúmulo de trágica coincidência, o seu poeta maior, Da Costa e Silva, se é que esses dois titãs das letras piauienses não se ombreavam em grandeza. A exemplo do Parnasianismo Brasileiro, a Escola Simbolista deveria também ter a sua trindade, em que a estrela de primeira grandeza e de fulgor extraordinário - Celso Pinheiro - brilharia ao lado de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. O poeta, ironicamente, em sua pobreza de metais, era chamado de milionário do verso, pela facilidade com que urdia os mais belos poemas e sonetos, nos quais eram vazados o seu delicado pessimismo e o seu suave lirismo, através de melodiosas palavras e de inusitadas e por vezes extravagantes imagens e metáforas. Simbolista, sim, mas também um cultor da forma, percebendo-se em sua poesia uns leves laivos de saudável parnasianismo. A crítica o tem, merecidamente, em elevada conta. Bugija Brito o alinha entre os maiores poetas do Brasil. Hardi Filho, que escreveu um livro sobre ele, considera-o entre os três principais aedos de sua predileção.

Herculano Moraes, poeta, crítico e membro desta Academia e da Academia Piauiense de Letras, assim se referiu a esse excelso poeta: "A poesia de Celso Pinheiro pode ser incluída entre os melhores momentos do simbolismo brasileiro, ao mesmo nível de Augusto dos Anjos e Cruz e Sousa. São poucos os poetas que conseguem ser tão sublimes e torturados ao mesmo tempo." Sua portentosa poesia aí está para ser fruída e degustada e para comprovar o que dissemos a seu respeito.

Meu antecessor foi o romancista José de Ribamar Oliveira, nascido em Porto (PI), em 26 de julho de 1921, e falecido em Brasília, no dia 23 de outubro de 1995. Bacharel em Direito. Exerceu o Ministério Público no Maranhão, onde foi aprovado em concurso público para Juiz de Direito, não chegando a assumir o cargo, em virtude de ter sido requisitado para trabalhar na Polícia Federal, onde exerceu o cargo de Delegado. Aposentado, ocupou a função de assessor da Secretaria de Cultura, na curta, porém profícua, gestão do prof. M.

Paulo Nunes. Publicou os romances: Porto da Imaculada Conceição de Marruás (1979), João Burundanga (1980), Um Rio de Águas Barrentas (1989) e A Guerra do Jenipapo (1993). Foi um dos fundadores do Clube dos Novos, que congregava, em Teresina, os intelectuais da Geração de 45. Membro da União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI) e da Academia Piauiense de Letras. Nunca se prendeu a Escolas e Correntes literárias, preferindo dar vazão a um estilo próprio, que o identificasse como um sinete ou como uma impressão digital. Sua temática é voltada para o Piauí, através da saudade e do memorialismo. Como o próprio título indica, seu romance A Guerra do Jenipapo é de fundo histórico, revivendo e recriando os entevos entre as tropas de Fidié e os patriotas da Independência do Brasil, em terras dos vastos campos maiores, banhadas pelas águas históricas do Jenipapo. O prof. M. Paulo Nunes, em seu livro A Província Restituída, comentando o romance Porto da Imaculada Conceição de Marruás, exarou a seguinte avaliação crítica sobre o autor: "(...) romancista que se revela neste seu primeiro livro, na plena posse de seu instrumento de expressão, de suas virtualidades de contador de histórias, situando-se assim na mesma linha de reconstituição psicológica de Proust e Alain Fournier, no que respeita ao tempo interior." O meu antecessor nunca cerrou fileira com os "vãos da vanguarda", como diria Gilberto de Mendonça Teles. Alinhou-se sempre com os que seguem a tradição do romance. Jamais rompeu com a narrativa e sempre fez uso da linearidade cronológica, estruturando sua romancística com início, meio e fim. Soube, pois, dentro de sua visão pessoal e daquilo a que se propôs, elaborar a sua ficção com competência e desenvoltura.

Sou bem do Vale do Longá. Nasci nestes campos maiores dos tabuleiros juncados de carnaúbas. Mas, por parte de minha mãe, sou ligado por laços de família à bela e elegante Piri-piri, Terra de Buganvílias e Madressilvas, como lírica e teluricamente a cognominou a lúcida e competente professora universitária Cléa Rezende Neves de Melo. Por consanguinidade paterna sou vinculado ao município de Barras do Marataoã e também do Longá, que assim cantei, num poema em que evocava as Barras das Sete Barras:

**Barras do Longá alongando-se
e se estilhaçando em rondas de lãs
em rendas de espumas
nos bilros das pedras tecelãs.
Terra dos Governadores,
do desgoverno das dores
das ciliadas paixões
deliciadas na Ilha dos Amores.**

Sou, portanto, umbilicalmente atado ao município de Barras, Terra dos Governadores e de intelectuais, vários pontificando nesta Academia, cuja rica história vem sendo resgatada e desvendada pelo historiador Dr. Wilson Carvalho Gonçalves, que igualmente tem prestado relevantes serviços à historiografia de nosso Estado.

Como já frisei, nasci em Campo Maior, berçário de heróis e intelectuais, fundada pelo grande Bernardo de Carvalho e Aguiar, plantador de cidades e pacificador de índios, talvez a mais importante figura do Piauí colonial. Nossa terra legou ao nosso Estado dois de seus maiores historiadores: Monsenhor Joaquim Chaves e Pe. Cláudio Melo. Sua rica história vem sendo contada, com competência e honestidade, pelo pernambucano Reginaldo Gonçalves de Lima, que é tão campomaiorense como os que mais o sejam. E a sua memória histórica, documental, artística e cultural está sendo preservada graças ao esforço e ao zelo do abnegado Zé Didor, através de seu legendário museu.

Disse o exímio cronista Rubem Braga que é negócio nascer-se numa pequena cidade, pois sempre se tem para onde voltar. E, à medida que os anos passam, estamos sempre retornando às nossas origens e à paisagem física e sentimental de nossa infância e de nossa adolescência.

Nos exílios circunstanciais de minha vida, carreguei sempre na retentiva as vastas pastagens do tabuleiro, do açude e da serra. E as celebrei em meus poemas.

Como são belos os tabuleiros, principalmente no inverno, quando as carnaubeiras, esbeltas e elegantes como uma top model, com suas palmas/plumagens, se miram nos espelhos das lagoas, Narcisos perdidos na contemplação da própria beleza e da beleza circundante. E eis que de repente, inopinadamente, do plano tapete de babugens e capim, ergue-se a silhueta caprichosa da Serra Grande de Campo Maior, sinuosa como o perfil do corpo das belas mulheres. Por essas quebradas vagam, à procura de reses desgarradas, os típicos e épicos vaqueiros, a enfrentar os touros bravios com sua coragem indômita, ou a amansar as feras com a dolência cativante dos aboios. Assim retratei em versos essa paisagem bela e bucólica:

**O vaqueiro e o cavalo
se fundem e se confundem na desabalada
alada
carreira quase voo
campeando gado pelos campos
de Campo Maior.**

Diz o grande intelectual campomaiorense prof. Raimundo Nonato Monteiro de Santana, em sutil e simpático gracejo, que o maior de Campo Maior é relativo. Mas depois da Teoria da Relatividade de Einstein tudo é relativo, até mesmo o relativismo, pois existem a sublimidade absoluta da música de Beethoven e a Onipotência absoluta de Deus. Assim é que em nossa terra existe o relativismo da grandeza do Açude Grande e da Serra Grande. Em minha meninice, o açude se me afigurava imenso, quase um mar-oceano, por onde navegavam os barcos de papel ilusórios de meus sonhos de criança. À noite, parafraseando os versos extraordinários da canção popular, as águas da laguna transportavam as estrelas para o seu regaço, misturavam-nas com as luzes das lâmpadas elétricas e se transformavam em imenso e mágico caleidoscópio, repleto de brilhos e vidrilhos. A magia noturna também transmudava o Colégio Estadual num enorme navio ancorado no cais, pronto para zarpar para o sonho e a aventura de um cruzeiro sem mapa e sem roteiro. Nos momentos de ventania o açude ondulava e marulhava, e a visão e a música das ondas já me antecipavam a minha querida e inesquecível Parnaíba, onde tenho grandes e estimados amigos. Nesse tempo o açude possuía, nas imediações da casa do tenente Jaime da Paz, em cujo quintal se erguiam e oscilavam e dançavam verdejantes coqueiros, que mais evocavam uma paisagem marinha, uma bela praia, de areias brancas, finíssimas, onde, na posição de goleiro, fiz ótimas e acrobáticas defesas, a planar, quase levitando, em verdadeiros saltos ornamentais. Fui, relativamente, um bom goleiro. O açude, no exílio imposto pelas injunções da vida, a que já fiz referência, dessa maneira aparece em meus versos:

**Açude Grande
apenas no nome, mas pequeno
na paisagem ampla dos descampados.
Tuas águas cinzentas
azularam-se em minha saudade.**

A serra foi sempre o meu sonho distante de menino. Seu azul e seu recorte me fascinavam. Na escuridão da noite, às vezes, em suas encostas eram acesas fogueiras e queimadas. As lendas

me vinham à mente, e eu via os fantasmas penados de padres, procurando os tesouros que eles próprios ocultaram. Alguns partem em busca do pássaro azul da felicidade. Para a serra das distâncias inatingíveis eu parti, em busca da pedra azul do sonho que ainda sonho. E a serra se ergue no tabuleiro de meus versos:

**Serra Grande
de Campo Maior.
De longe parece
uma dobra do céu.
Nela eu menino fui
buscar uma pedra azul.
Ledo engano, triste decepção:
minha serra era da cor da terra.**

Quem toma da água do Surubim sempre retorna. E eu sempre retorno. E o Surubim sempre retorna à minha saudade, que externei nestes versos:

**Rio Surubim
onde os pe(s)cadores pe(s)cam
peixes e sereias de coxas grossas
e sem escamas
na doçura de suas margens
na maciez de suas moitas mornas.**

Campo Maior, infelizmente, não tem o sadio bairrismo da velha e querida Oeiras. Talvez por isso alguns prédios que faziam parte de sua paisagem física, histórica e sentimental foram aniquilados, sem que deles reste pedra sobre pedra, ou mesmo uma desbotada fotografia, e sem que exista algum decreto de tombamento até hoje, o que põe em risco os remanescentes. Há que ser preservado o seu centro histórico. E aí estão incluídos o sobrado do major Honório Bona Neto, músico talentoso e, segundo dizem, o autor da denominação Zona Planetária, por poucos conhecida através deste poético e sugestivo nome, que outrora era exibido nas paredes externas, bem como também o nome de cada um dos planetas, com o respectivo desenho. Cada prostíbulo era representado por um dos planetas. Sim, senhores, a Zona Planetária é o hoje ferido de morte meretrício da rua Santo Antônio. Pouco custaria ao poder público gastar umas latas de tinta e recuperar a poesia e o encantamento de um tempo que insiste em não morrer, porquanto ainda hoje, em algumas partes, se vislumbra, sepultos por novas camadas de tinta, vestígios do velho letreiro. E os puritanos e fariseus não precisam preocupar-se: as prostitutas foram derrotadas pela concorrência impiedosa e inexorável das moças de programa e pela mudança de costumes, possibilitada pela mídia, pela pílula, pela camisa de Vênus e demais parafernália de contraceptivos. Num poema épico moderno, instigado pelo meu amigo Walter e Silva Mendes, mesclei a sociologia dos cabarés, a mitologia greco-romana e a astronomia (pois os planetas foram batizados com nomes de deuses mitológicos), e cantei a Zona Planetária:

**Nas calçadas altas da Zona Planetária
meretrizes expõem suas carnes
em varais de açougues imaginários
aos transeuntes ou faunos eventuais,
nas horas em que Hélio esboça a Aurora.**

Não poderia deixar de fazer alusão especial ao verdadeiro crime em que se constituiu o tombamento literal da Fazenda Tombador. Era uma casa histórica. Nela se refugiara Fidié, após o término da Batalha do Jenipapo. Seu valor, por isso, era incalculável. Fazia parte do patrimônio histórico e cultural de nossa cidade. Deveria ter sido preservada e transformada em um museu ou num espaço cultural. Mas se a loucura por moedas não permitisse tal destinação, poderia ter ficado como uma casa comercial, desde que mantidas a aparência e a estrutura externas. Que essa destruição, pelo menos, sirva de exemplo e advertência para que outras não mais aconteçam. Eis um trecho de meu poema A Fazenda Tombador:

**Quando literalmente tombaram
a Fazenda Tombador,
nenhuma voz se levantou,
nem mesmo a voz de alguém,
que clamasse no deserto, clamou.
E a Fazenda Tombador
literalmente tombou.**

Foi em Campo Maior, aos 9/10 anos de idade, que senti surgir a minha vocação literária. Foi quando, ao nos mudarmos para a zona rural, me sobreveio uma grande tristeza, pois eu sentia a ausência das luzes, da agitação e das brincadeiras da cidade. Para preencher esse vazio, comecei a ler, com desespero e sofreguidão, os livros enviados por minha madrinha Raimunda Mirops (Mirozinha), a quem rendo minha homenagem e gratidão. Terminei lendo todos os livros da biblioteca do Grupo Escolar Valdivino Tito. Também passei a ler os livros literários e de teoria literária do acervo paterno. E ao ouvir meu pai, com emoção e entusiasmo, recitar os poemas de sua predileção; e ao ouvir minha mãe cantarolar suas canções preferidas, cujas letras eram excelentes poemas, senti minha alma desabrochar para a poesia, assim como o cálice das flores noturnas se abrem para receber o orvalho e como as pétalas das flores diurnas se descerram para a luz do sol.

Foi ainda na Terra dos Carnaubais que tive meu primeiro e inesquecível contato com a poesia piauiense. Fazia a terceira ou quarta série do antigo ginásio, quando a professora nos declamou o poema A Moenda, do poeta Da Costa e Silva. Fiquei surpreso e feliz, ao mesmo tempo, ao verificar que o Piauí tinha poesia de tão elevada magnitude. Por essa razão, quando assumi a presidência da União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI), sabia da importância da sala de aula para a divulgação de nossa literatura. Em consequência lutei, com o apoio de minha diretoria, para que a Literatura Piauiense fosse posta como disciplina obrigatória no ensino piauiense, o que só foi possível graças ao esforço, interesse e empenho do Deputado Humberto Reis da Silveira, Relator Geral da Constituição Estadual, que em 18 de maio do corrente ano completou 50 anos de profícua atividade parlamentar. A ele tributo, em nome dos escritores piauienses, nossa sincera gratidão. É por isso que conclamo os coestaduanos para que amemos e valorizemos o que é nosso, porque se nós próprios não o fizermos ninguém o fará por nós.

No momento em que atinjo a reta final deste discurso, sem a fatalidade de uma curva Tamburello, assim espero, desejo agradecer a Deus os dons e as dádivas com que me tem quinhado, muitas vezes além do que mereço. Agradeço, também, a meus pais, Miguel e Rosália, por me terem amparado e encaminhado na luminosa estrada do bem, do bom, do belo e da virtude, mas sem hipocrisia e farisaísmo. Agradeço a minha mulher, Fátima, o seu silêncio, na hora do silêncio, a sua palavra, no momento da palavra, e o seu estímulo de sempre.

Rendo minha homenagem aos amigos, que sempre me apoiaram e incentivaram. É uma grande dádiva a dádiva da amizade. Deixem que de uma maneira especial eu reverencie os amigos

mortos, os amigos mortos que me acompanham cada vez mais vivos, porque a nossa memória é uma

**cornucópia insana insaciável
a jorrar o passado
que não morre nunca
sempre ressuscitado
no eterno regresso
a nós mesmos.**

Aqui chego para, junto com os senhores Acadêmicos, combater o bom combate, de que nos fala São Paulo, mas franciscanamente querendo mais aprender do que ensinar, mais ouvir do que falar. Aqui chego, sem ouropéis, sem louros e sem lauréis, porque

**Louros, nunca os tive,
exceto algas em meus cabelos.**

E também porque

**Após seguir os mais ásperos caminhos,
Napoleão avesso, eu próprio me coroei
com uma coroa de cravos e espinhos.**

Por último desejo dizer que sou um vencedor, não por ter obtido sucesso, não por ter conseguido metais, não por ser um conquistador, mas porque sei fazer minhas as palavras de Robert Louis Stevenson: “O homem que venceu na vida é aquele que viveu bem, riu muitas vezes e amou muito; que conquistou o respeito de homens inteligentes e o amor das crianças; que preencheu um lugar e cumpriu uma missão; que deixa o mundo melhor do que encontrou, seja uma flor, um poema perfeito ou o salvamento de uma alma; que procurou o melhor nos outros e deu o melhor de si.”

Com Fé e Esperança almejo ter alcançado, pelo menos em parte, pelo menos um pouco, o que dizem as palavras acima. E isso para mim me basta!

LANÇAMENTO DE “CONFISSÕES DE UM JUIZ” EM CAMPO MAIOR

No plenário da Câmara Municipal de Campo Maior, na última sexta-feira, foi realizado o lançamento de meu livro *Confissões de um juiz*. O auditório estava lotado. Os presentes tudo ouviram com muita atenção e paciência. Para o pleno êxito do evento, contei com o apoio do amigo e professor José Francisco Marques, que não mediu esforços em sua organização. Também prestaram colaboração para que tudo se realizasse conforme o planejado a professora Luciana Gomes e o parente e amigo Dr. Domingos José de Carvalho.

A mesa de honra foi composta pelo desembargador José Francisco Nascimento, representante do Tribunal de Justiça do Piauí, professor César Robério, representante da Prefeitura, juiz Antônio Oliveira, representante da Associação dos Magistrados Piauienses – AMAPI, João Alves Filho, presidente da Academia Campomaiorense de Artes e Letras – ACALE, professor José Francisco Marques, que fez a apresentação do livro, o médico Domingos José de Carvalho, que falou sobre o autor da obra, o advogado Dácio Mota, representante da OAB-PI, e o Dr. Josias Bona, filho do saudoso e ímpoluto juiz Hilson Bona, que foi homenageado (in memoriam) pela AMAPI, e este cronista. O cerimonial foi executado com muita maestria pela professora e acadêmica Avelina Rosa.

Estavam presentes membros de minha família, entre os quais minha mulher Fátima, Miguel Carvalho, meu pai, Antônio José e Maria José (irmãos). Compareceram ainda vários confrades da ACALE, como professor Loiola, Corinto Brasil, Jesus Araújo e Luciana Gomes, além de várias pessoas amigas e interessadas em cultura, dentre as quais registro o professor José Martins, Moreninha Melo, Leal, Josino Gomes de Oliveira, Jônathas Silva, Evandro Araújo e Geraldo Pucuta (ex-craque do Caiçara).

Domingos José, médico competente e dedicado, maçom da melhor linhagem, cidadão honrado, sem jaça, falou de minha trajetória de vida, de meu percurso literário e de servidor público, com belas e emocionantes palavras, que nos comoveram, a mim e a minha família, sobretudo meu pai, que chegou a chorar em mais de um trecho de seu discurso.

Com a mesma competência e propriedade, José Francisco falou de *Confissões de um juiz*, fazendo uma perfeita síntese de seu conteúdo e lhe examinando a linguagem e a estrutura organizacional das matérias enfeixadas nas diferentes partes. Discorreu também, assim como fizera seu antecessor, de forma sintética, sobre meus atributos intelectuais e sobre as minhas principais características humanas, bondosamente deixando de lado os meus defeitos.

José Francisco e Domingos José falaram ainda de minha curta, porém intensa, atuação de goleiro, em que afoitamente fiz minhas “pontes” e “voadas”, algumas vezes me arrojando aos pés do atacante, para fechar o ângulo da possível trajetória da bola. Domingos José terminou confessando que éramos torcedores do Caiçara e do Flamengo carioca.

Diante disso, aproveitei a oportunidade para dizer que uma de minhas primeiras crônicas, publicada no jornal A Luta, quando eu tinha 16 anos, foi sobre as acirradas disputas entre o Comercial e o Caiçara, em que pontificaram dois dos maiores goleiros piauienses, Beroso e Coló, sobre os quais já escrevi crônicas, que podem ser encontradas através dos sites de busca da internet. Esses duelos, como os designei, incendiavam as ensolaradas tardes domingueiras de Campo Maior.

Em meu discurso, discorri brevemente sobre o conteúdo de meu livro, mormente sobre o meu percurso de servidor público. Falei sobre as principais características e virtudes de um verdadeiro magistrado, especialmente a imparcialidade e o senso de justiça. Prestei minha homenagem ao Dr. Hilson Bona, que considero um legítimo paradigma da magistratura piauiense. Ao falar das lutas que empreendi, como homem público e intelectual, me concentrei principalmente na parte relativa a Campo Maior.

Expliquei que em diferentes oportunidades me esforcei para retirar do olvido ilustres figuras da história de nossa comunidade. Entre esses injustamente esquecidos se encontravam (ou ainda se encontram) o seu fundador, sobre o qual, seguindo as pegadas de padre Cláudio Melo, escrevi o livro Bernardo de Carvalho – o Fundador de Bitorocara; o bravo tenente Simplício José da Silva, herói da Batalha do Jenipapo; Raimundo Gomes Vieira Jutaí, estopim da Balaiada, e um dos seus principais líderes. No seu manifesto, lavrado na vila da Manga – MA, datado de 15/12/1838, dois dias antes de liderar a abertura das portas da cadeia pública dessa vila, para libertar vaqueiros e outros trabalhadores injustamente presos, proclamou no seu artigo primeiro: “que seja sustentada a Constituição e garantias dos cidadãos”; e José Eusébio de Carvalho Oliveira (n.10/01/1869 e f.25/04/1925), que foi jornalista, promotor de Justiça, magistrado, membro de Junta Governativa do Piauí, e que exerceu os cargos de deputado federal e senador da República, pelo Maranhão, durante 25 anos. Portanto, o senador José Eusébio foi também membro dos Poderes Executivo e Judiciário. Recentemente, lembrei-lhe o nome ao deputado Wilson Nunes Brandão, quando ele me disse estar escrevendo um livro sobre os parlamentares piauienses.

Disse que em vários textos e discursos, a partir de 1997, quando tomei posse em Campo Maior de minha cadeira na Academia de Letras do Vale do Longá, defendi a preservação e restauração dos casarões e sobrados de nossa cidade, inclusive os da famosa Zona Planetária, de nome tão poético e sugestivo, sobre a qual escrevi um poema épico moderno de igual título, que terminaram reduzidos a escombros; na transformação do Cemitério Velho em museu e memorial a céu aberto, com a conservação e restauração dos túmulos, e criação de alamedas e caramanchões, além de um espaço temático, ainda que sobre pilotis, se necessário; a despoluição do Açude Grande, com a instalação de jardins e fontes luminosas, que lhe aumentem a beleza e a atração turística.

Com muita ênfase, defendi a ideia de que o entorno da barragem, sobretudo o horto florestal, poderia ser transformado num jardim botânico e em agradável balneário, com a instalação de bicas artificiais, que bem poderiam, em projeto arquitetônico e paisagístico, imitar cascatas ou bicas naturais. Evidentemente outros espaços poderiam ser criados no local, inclusive bares, quiosques e restaurantes.

No final, foi servido farto e variado coquetel, e houve a indispensável sessão de autógrafos. Nessa parte tive a satisfação de apertar a mão de vários amigos, como a professora Lindalva, que juntamente com seu marido, o comerciante José Francisco Cunha, foi prestativa e bondosa vizinha de meus pais.

E tive a emoção de ver uma pequena e bem conservada fotografia, trazida pela Gracinha (Maria das Graças Vieira da Silva), em que eu, com apenas um ano de vida, estava no colo de minha saudosa mãe, ambos ladeados por meu pai, parentes e amigos, todos jovens e bonitos.

CEMITÉRIO VELHO – MUSEU E MEMORIAL

Através da internet, vi matéria da Katiucia Alves, informando que as zeladoras do cemitério velho de Campo Maior, há muitos anos desativado, se queixaram de que algumas pessoas da circunvizinhança jogam lixo no seu interior, por cima de seu muro, já penso e gretado. Na mesma reportagem, consta que a prefeitura deseja construir no local uma praça, a exemplo do que ocorreu em Piripiri, em que foi construída a Praça das Almas no local onde existira um campo santo, mas que os campomaiorenses são contra essa solução.

No meu entendimento, toda administração, pública ou privada, deve ser criativa, e procurar várias opções para resolução dos problemas, inclusive soluções inovadoras e até mesmo revolucionárias em certos casos. Tenho conhecimento de que, em alguns outros países, inclusive na Inglaterra, um cemitério pode ser transformado num lugar agradável, usado para passeio, como se fosse uma praça ou um parque. Na Argentina existe o famoso La Recoleta, cantado e exaltado por Jorge Luís Borges.

Acredito que, com um bom trabalho de arquitetura e paisagismo, o nosso antigo campo santo, tão caro aos campomaiorenses, bem poderia ser transformado numa espécie de museu e memorial a céu aberto, com a plantação de árvores, criação de jardins, passeios, alamedas, caramanchões, bancos e um espaço coberto, que poderia servir de templo ecumênico e de uma espécie de auditório, para certas palestras ou encontros. Em certos recantos seriam colocadas estátuas alegóricas da vida, da morte e da saudade, bem como placas ou lápides, que contassem um pouco da história do cemitério, de seus mortos e de nosso município.

Seria um museu e memorial porque esse campo santo conta muito da história de Campo Maior. Muitos moradores antigos, de velhas estirpes do município, estão ali sepultados, assim como muitos de seus filhos ilustres, nas mais diferentes áreas da atividade humana, seja intelectual, artística, política ou empresarial.

Esse local guarda muito da memória histórica do município, através de suas lápides. Eu mesmo, em minha adolescência, percorrendo suas alamedas, descobri o túmulo do poeta Moisés Eulálio, e lhe escrevi um necrológio, em forma de crônica, que publiquei no inesquecível jornal A Luta, nos meus bisonhos dezesseis anos de idade.

Alguns túmulos têm valor histórico e artístico, e falam, em seu silêncio monumental, de costumes, de artes e valores de outra época. Por outro lado, esse prédio faz parte da paisagem urbana, e está incrustado na memória e na saudade de pessoas de várias gerações; sua destruição empobreceria o nosso patrimônio arquitetônico.

A sua conservação, com o restauro dos túmulos e criação do museu e memorial, nos moldes em que sugeri, seria uma prova de respeito aos mortos e seus familiares. Por outro lado, a nossa cidade estaria sendo pioneira no Piauí, não sei se mesmo no Brasil, em adaptar um cemitério para ser um museu e memorial, bem como um logradouro agradável e propício a passeios e meditações.

Também serviria para que os campomaiorenses tenham um sentimento de menos temor ante a perspectiva da morte; aliás, todos passariam a ver a morte com mais naturalidade, como parte integrante e indissociável da vida. Não agrediria a religião e a religiosidade de ninguém,

porquanto todas as religiões respeitam os mortos e consideram a morte como a passagem para outra vida, como um pórtico de entrada para uma outra dimensão da existência humana.

A ZONA PLANETÁRIA E OUTROS CASARÕES

Após a palestra do arquiteto Olavo Pereira da Silva Filho, quando o presidente da APL, Reginaldo Miranda, me passou a palavra, sugeri ao João Alves Filho, presidente da ACALE, que a conferência em defesa da preservação dos casarões fosse apresentada em Campo Maior; a aceitação foi efusiva e imediata.

A seguir, expliquei que muitos anos atrás, mais precisamente no dia 23.05.1997, na sede do IATE Clube Laguna, situado à beira do famoso e formoso Açude Grande, em meu discurso de posse na Academia do Vale do Longá, eu denunciara a destruição da Fazenda Tombador. Na oportunidade, recitei estes versos do meu poema que lhe leva o nome: “Quando literalmente tombaram / a Fazenda Tombador, / nenhuma voz se levantou, / nem mesmo a voz de alguém, / que clamasse no deserto, clamou. / E a Fazenda Tombador / literalmente tombou.” Foi na sede dessa fazenda que se refugiou Fidié, após o término da Batalha do Jenipapo. Por conseguinte, seu valor histórico era inestimável.

Falei que os velhos prédios iam desaparecendo aos poucos, como se fora em macabro jogo de dama, em que as “pedras” iam sendo “comidas” por voraz jogador. Importantes edificações, de valor arquitetônico e/ou histórico, já foram derrubadas, ou pela insensatez, ou pela ganância, ou mesmo pela ignorância. Com isso, a paisagem urbana que marcou a nossa infância e juventude vai sendo apagada. Dessa forma a nossa memória vai sendo esgotada, as nossas referências vão sendo destruídas.

A paisagem arquitetônica que servia de pano de fundo a várias quadras de nossa vida deixa de existir, fazendo-nos mergulhar na nostalgia pelas coisas que ainda nos poderiam encantar com a sua velha presença. Por causa dessas demolições, o velho bardo bradou: “Vão destruir esta casa / mas meu quarto vai ficar / de pé, suspenso no ar”. No ar tênue da memória ou apenas em desbotada fotografia, como assinalaram os versos de outro poeta.

No mesmo discurso em que clamei contra a destruição da Fazenda Tombador, adverti que, se providências não fossem adotadas, a Zona Planetária, de tão poético e sugestivo nome, também seria transformada em ruína. Na minha fala de sábado passado, disse que, infelizmente, fora um bom profeta, porquanto os casarões dessa antiga zona meretrícia, sem nenhum cuidado preservacionista, expostos ao rigoroso inverno de alguns anos atrás, terminaram por desmoronar, deles só restando escombros, e a memória de um tempo em que os prósperos coronéis da carnaúba e da pecuária ali imperavam, rodeados de belas meretrizes, algumas “importadas” de outros estados.

Esse belo nome foi posto pelo major Honorário Bona Neto, que além de comerciante era um músico talentoso, compositor de notáveis valsas. O município de Campo Maior, a exemplo do que foi feito em relação ao musicista e intelectual Possidônio Queiroz, de Oeiras, deveria patrocinar a publicação de álbum com a partitura de suas composições e o lançamento de um CD, abrigando suas principais melodias, em vez de ficar bancando apenas apresentações de bandas de outros municípios e estados, com suas músicas comerciais, apelativas e de evidente mau-gosto.

Com o passar dos anos, o nome Zona Planetária foi caindo no esquecimento. O local passou a ser chamado simplesmente de zona da Rua Santo Antônio, com os prostíbulos já em franca decadência. Outrora, cada um dos cabarés ostentava na fachada o nome e a pintura de cada um dos planetas. Lá estavam os anéis de Saturno, a cor azul de Vênus, o vermelho sanguíneo de Marte... Ao cair da tarde, as mulheres assomavam às janelas, situadas acima das altas calçadas.

De lá, como de um mirante, espreitavam os passantes, que eram ao mesmo tempo caça e caçadores. À noite, o amor de aluguel acontecia entre espumas de cerveja, perfumes de gardênia e o lusco-fusco difuso/confuso das luzes negras, ao som dos boleros das velhas radiolas, que soltavam as vozes de Roberto Muller e Waldick Soriano, que dominavam soberanos nos lupanares de então.

Ainda jovem, quando assumi meu cargo de fiscal da extinta SUNAB – Delegacia do Piauí, o chefe da Seção de Fiscalização, o senhor Walter e Silva Mendes, que em sua infância fora amigo de meu pai, instigou-me a escrever um poema sobre a Zona Planetária. Ora, eu já sequer me lembrava de que aquele meretrício tivera esse nome. Desde há muito, ele passara a ser chamado apenas de zona da Santo Antônio, como numa tentativa de unir-se o sagrado ao profano, o divino e o humano.

Durante muitos meses conjecturei sobre como poderia elaborar esse poema. Cheguei a achar uma missão quase impossível. Um belo dia, ocorreu-me que os planetas foram denominados com o nome de deuses da mitologia greco-romana. Esses deuses, apesar de poderosos e imortais, tinham as mesmas paixões, vícios e desejos do ser humano. Esse foi o estalo que deu origem ao poema.

A partir daí comecei a pesquisar a mitologia e a astronomia planetária. Anotei as principais virtudes e defeitos dos deuses. Os principais fatos que lhe eram atribuídos. Procurei registrar as principais características dos planetas, como órbitas, cor, densidade, satélites e os fenômenos de seu giro ao redor do Sol e de sua rotação sobre o próprio eixo.

Resolvi, então, escrever um épico moderno, em que mesclai a astronomia planetária, a vida e as paixões dos deuses do Olimpo e a sociologia dos lupanares. Fiz um poema de abertura e mais nove outras unidades, em que pus as peculiaridades de cada um desses mitos e planetas. Certamente, o que me faltou em talento, sobrou em audácia.

UM MONUMENTO ÀS TRÊS RAÇAS EM CAMPO MAIOR

Comentando pequena nota publicada em meu blog, em que eu informava que meu livro Bernardo de Carvalho – O Fundador de Bitorocara se encontrava à venda na sede da ACALE – Academia Campomaiorense de Artes e Letras e na Drogaria São Judas Tadeu, e cujo produto da venda será doado para campanha comemorativa dos 300 anos de instalação da Freguesia de Santo Antônio do Surubim, o Cláudio Rogério, no espaço destinado a comentários, postou a seguinte observação: “É lamentável ver um evento de grandiosa valia cultural para nossos municípios ser tão pouco prestigiado. Noto pelas fotos que nem nossos acadêmicos tiveram a fineza de aparecer. Vai entender... Parabéns Dr. Elmar Carvalho, que Deus continue iluminando sua mente para cada vez mais nos agraciar com seus textos e obras”.

No espaço apropriado, logo abaixo do comentário supra, cravei a seguinte resposta: “É, caro Cláudio Rogério, para você ver como são as coisas... Eu só não desisto porque sou um tanto teimoso e persistente, e realmente tenho vocação para as letras, e não estou nessa luta por simples diletantismo”. A seguir, anunciei que comentaria o lançamento em meu blog. Este registro de agora, neste Diário, se destina a cumprir essa finalidade. Não irei dissecar possíveis causas sociológicas e culturais, nem tampouco farei conjecturas outras para tentar explicar o pouco número de pessoas presentes ao evento.

Conforta-me o fato de que compareceram parentes e pessoas de minha amizade e devoção, e que gostam de assuntos históricos e culturais. Por outro lado, o genial escritor Machado de Assis, em hipérbole às avessas, dizia ter apenas meia dúzia de leitores, e o José Saramago, que era José Saramago, em vários registros de seus Cadernos de Lanzarote, se dava por satisfeito quando, em lançamento de livros ou palestras, contava com um público de algumas poucas dezenas de pessoas.

Tudo isto me deu força e ânimo. Portanto, não me deixei abater, e falei com a mesma vibração, firmeza e entusiasmo como se estivesse falando para um grande auditório. É lógico que lamentei a pouca assistência, pois iria falar de temas campomaiorenses importantes, como aspectos de sua história, de sua sociologia, de sua arquitetura, de sua bela paisagem, ao tempo em que lançaria, como de fato o fiz, duas sugestões, que considero relevantes e originais, ao menos em termos de Piauí, sobre as quais me reportarei neste breve registro.

Sem querer polemizar, coisa que não é de minha índole, disse que Bernardo de Carvalho e Aguiar, o senhor de Bitorocara, era um homem de bem, que chegou a angariar o respeito de várias tribos de índios; que vários grupos indígenas pediram para ficar sob sua orientação, vez que ele não adotava os métodos brutais da Casa da Torre; que chegara a libertar índios aprisionados por prepostos dos Dias D'Ávila.

Aduzi que padre Cláudio Melo, em suas pesquisas, inclusive em Lisboa, colhera a informação de que Bernardo, nos momentos mais duros das campanhas chegava ao ponto de marchar a pé, para que os feridos tivessem montaria, e que nas ocasiões em que o alimento escasseava, ele se contentava em comer “uma só mão cheia de farinha por dia, dando o mais a seus servidores que por vezes o viram sem alimento de forma alguma”.

Expliquei que julgar-se um homem pelos padrões de hoje, sem se levar em conta as leis, os costumes, as crenças, as circunstâncias e os fatos históricos da época em que essa pessoa viveu seria uma crassa injustiça e um anacronismo. Mas disse que, pelos padrões de qualquer época,

Bernardo de Carvalho pode ser considerado um homem de valor e de bem, desde que não se proceda de forma maniqueísta e preconcebida ideologicamente.

Afirmei, e isto está no meu livro, que o historiador Cláudio Bastos, no verbete referente a Mandu Ladino, registra que o padre Cláudio Melo considerava que esse indígena seria filho natural de Bernardo de Carvalho, evidentemente tendo como mãe uma índia. Acrescentei que mantive vários contatos pessoais com esse eminente historiador e sacerdote, no período de 1995, ano em que ele me prefaciou a segunda edição de Cromos de Campo Maior, até final de 1997, quando fui o presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, em função de cujo cargo lhe solicitei, algumas vezes, textos para as nossas publicações, tanto das obras completas de Monsenhor Chaves, como da revista Cadernos de Teresina, que era publicada com regularidade, a cada quatro meses.

Num desses encontros, Pe. Cláudio Melo me revelou ter a convicção de que Mandu Ladino (provavelmente) seria filho de Bernardo. Encaminho o leitor ao meu livro, em que teço maiores considerações sobre essa hipótese. Esse historiador, em Lisboa, pesquisou vários documentos sobre a vida do fundador de Bitorocara. Acho que essa convicção lhe veio da leitura desses velhos papéis.

Ele não tinha certeza absoluta quanto a essa filiação, claro; tinha convicção, baseada em suas ilações, extraídas do cotejo de diversos documentos. Chegou a me dizer, inclusive, que estava pensando em escrever um romance histórico, em que Mandu apareceria como filho de Bernardo de Carvalho. Lamentavelmente, sua morte, acontecida um pouco depois, não lhe deu a oportunidade de cometer essa grande façanha literária.

Após falar nesses dois grandes vultos históricos, disse que um dos principais líderes da revolta popular Balaiada, o Raimundo Gomes, alcunhado de Cara Preta, era filho de Campo Maior. Então, após repetir que “somos o que somos; somos o amálgama de três raças, e a nossa civilização é o cadinho do que elas construíram ao longo dos séculos”, como coloquei em epígrafe no meu livro, disse que o município de Campo Maior deveria erguer, na Praça Bona Primo, um monumento às três raças.

A raça branca seria representada pelo fundador de Bitorocara (Bernardo de Carvalho), a indígena, pelo seu grande líder Mandu Ladino, e a negra, por Raimundo Gomes, o Cara Preta, porquanto são figuras eminentes da História do Piauí. O monumento, além de representação escultórica, deveria ter lápides com epígrafes de Monsenhor Chaves e Pe. Cláudio Melo, nossos grandes historiadores, sobre esses três grandes vultos históricos, ilustres representantes das três raças que construíram a nossa civilização, da qual fazemos parte, quer queiramos ou não. Talvez o monumento às três raças viesse a servir de paradigma, em termos de homenagem, à miscigenação piauiense e brasileira.

BARRAS – HISTÓRIAS E SAUDADES

Vindo passar os dias de carnaval em Parnaíba, resolvi dar uma boa folheada no livro Barras – histórias e saudades, de Antenor Rêgo Filho, que já havia lido alguns meses atrás. O autor foi um dos fundadores da Academia de Letras do Vale do Longá, entidade a que tive ingresso com o apoio seu e do falecido Geraldo Majella de Carvalho, meu parente e amigo. Foi seu presidente em três mandatos, sendo que na sua última gestão o sodalício conseguiu adquirir a sua sede própria, a cuja solenidade de inauguração tive o prazer de estar presente.

O livro conta a saga da comunidade barrense, desde o seu primórdio, no século 18, quando o fazendeiro e empreendedor Miguel de Carvalho e Aguiar, filho do grande Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador de Campo Maior e de outras comunidades, instalou a sua fazenda e currais e possibilitou a construção da capela católica, sob a invocação de N. S. da Conceição. Como se sabe, as cidades piauienses, normalmente, surgiram em derredor de currais e de templos católicos, e Barras não foi uma exceção.

A obra foi prefaciada por Ribamar Garcia e contou com os depoimentos dos escritores Carlos Nejar, Adrião Neto e Herculano Moraes. Narra os principais fatos da história política do município, citando os seus protagonistas, mas também se refere aos costumes, folclore e cultura barrenses, em que conta episódios anedóticos e pitorescos. A urbe tem o epíteto de Terra dos Governadores, por ter dado vários governantes ao Piauí e a outras unidades federadas, mas bem poderia ser chamada, igualmente, de terra de intelectuais, uma vez que forneceu ao estado vários escritores e poetas de nomeada, entre os quais o autor da obra em comento.

O opúsculo também é enriquecido por cópias de importantes documentos e fotografias que nos levam ao passado, quando Barras era uma cidadezinha bucólica, com belas praças, quase uma ilha, através do abraço aquático do Marataoã, e dos demais rios que desembocam no Longá, formando as barras, que originaram seu nome. Lamentavelmente, muitos dos prédios, vistos nas fotografias, foram destroçados pela desídia, insensibilidade ou ganância dos homens. Meus ancestrais paternos são barrenses, e por essa razão, na minha infância bebi dessas águas, quando lá estive a passeio, e na minha adolescência banhei e mergulhei na barragem, e contemplei, embevecido, a Ilha dos Amores.

Por tudo isso, pude fazer o meu poema Barras das Sete Barras, cujo vídeo pode ser visto no excelente site cultural Entretextos do professor, poeta e romancista Dílson Lages, ilustre barrense, um dos grandes expoentes literários do Piauí. Do meu conhecimento, o livro de Antenor Rêgo Filho é o mais completo inventário histórico, folclórico, geográfico e cultural do município de Barras.

A CUSTÓDIA DE OURO DE OEIRAS

Na semana passada, quando eu iniciava minha caminhada na Raul Lopes, deparei-me com Carlos Rubem, eminente Promotor de Justiça e proeminente promotor cultural. No decorrer da conversa, falei-lhe sobre o meu livro Bernardo de Carvalho, o Fundador de Bitorocara. Discorri sobre a personalidade e sobre as qualidades dessa ilustre figura do Piauí colonial, e sobre o seu injusto esquecimento, que tentei mitigar através de meu opúsculo.

Dei ênfase ao fato de que ele foi um amigo de Oeiras, tendo contribuído para a ereção da igreja erguida pelo padre Tomé de Carvalho, de quem ele era parente. Segundo as pesquisas do historiador padre Cláudio Melo, na verdade ele concorreu tanto para o soerguimento da velha como da menos vetusta igreja da velha capital, erigidas sob a invocação de N. S. da Vitória. Acrescentei que fora Bernardo quem doara a rica custódia de Oeiras, em ouro maciço e cravejada de várias pedras de diamante. Segundo os entendidos, essa linda peça sacra é um fino trabalho da ourivesaria portuguesa.

Carlos Rubem ficou um tanto surpreendido com minhas informações, frutos das pesquisas de Cláudio Melo, sobretudo nos arquivos de Lisboa, e me disse que a crônica histórica de Oeiras não registrava o nome do doador. Sabia-se apenas que essa magnífica e rica obra de arte fora doada por rico fazendeiro, cujo nome se perdera nas brumas do tempo. Sugeri-me escrevesse uma crônica sobre a velha e bela custódia, passando-me, de memória, importantes informações, e indicando-me alguns textos, que eu poderia usar para enriquecimento de minha crônica. É o que estou tentando fazer agora.

Joca Oeiras, articulista de boa cepa, no belo texto denominado O roubo da Custódia, consigna que em 1926, quando a Coluna Prestes esteve na cidade de Oeiras, o tenente Siqueira Campos, tendo ouvido comentários de que na Igreja de N. S. da Vitória se encontrava a rica peça do ritualismo católico, ainda chegou a mandar que lhe trouxessem querosene para pôr fogo na porta do templo, a fim de arrebatá-la, e só não o fez porque o próprio Luiz Carlos Prestes, após áspera discussão com Siqueira, impediu que essa barbárie fosse cometida.

Em artigo do historiador Júnior Vianna, recolho a informação de que esse ostensório da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória foi roubado em 12 de maio de 1809. Nesse texto consta que, pelos poucos escritos e pela história oral, a custódia fora doação de abastado fazendeiro de gado, no século XVIII. Embora o nome do doador não esteja consignado, a informação se harmoniza com as pesquisas de Cláudio Melo, relatadas no seu livro Bernardo de Carvalho.

A crônica histórica registra que o coronel Raimundo de Sousa Martins, nas proximidades da fazenda Canavieira, encontrou um caboclo já nas vascas da agonia, vítima de violenta infecção intestinal. Esse homem, talvez por remorso ou temendo tremendo castigo, quando passasse deste para o outro mundo, fato que já se avizinhava, revelou ao coronel o seu crime, e disse que a custódia se encontrava no surrão que conduzia. Terminou dizendo, no intuito talvez de diminuir a sua culpabilidade, que o mentor do crime fora o pernambucano Thomaz Vilarinho, a quem deveria entregar o objeto sagrado.

O escritor Expedito Rego, no capítulo XIII de seu notável romance Visconde e Vaqueiro, intitulado O roubo da custódia, que pode ser lido quase como se fosse um texto autônomo, trata desse assunto. Claro, nele a história se mistura com a imaginação do romancista, porquanto é uma obra de ficção, embora permeada pela verdade. No texto de Expedito Rego, quem encontra o ladrão é um vaqueiro e não o fazendeiro Raimundo de Sousa Martins. Todavia, a história é muito semelhante ao que foi narrado no parágrafo acima. Até o nome do autor intelectual é coincidente, bem como a circunstância em que o larápio revelou o seu crime.

Como uma homenagem a Bernardo de Carvalho e Aguiar e ao seu mais brilhante admirador e biógrafo, padre Cláudio Melo, transcrevo as lapidares palavras deste magistral e respeitado historiador, cuja obra completa, através da Academia Piauiense de Letras, com o apoio de seu operoso presidente, o historiador Reginaldo Miranda, venho porfiando em editar, em volume único:

“Os heróis não morrem, senão na visão dos seus contemporâneos. Como sementes, são lançados sob o solo para que depois germinem, produzam frutos e muitas sementes que os perpetuam no multiplicar-se dos anos.

Bernardo de Carvalho na sua bondade e fé estará sempre lembrado nas pedras da Catedral de Oeiras e particularmente na belíssima Custódia de ouro e pedras preciosas que ele ofereceu ao seu Deus sacramentado, e hoje é expressão material da riqueza de seu coração fiel.

Para os que são inclinados à vida política, será sempre o modelo ímpar de homem público devotado, sem interesses nem concessões duvidosas, nobre no sangue, no caráter e nos feitos.”

PE. CLÁUDIO MELO EM TRÊS TEMPOS (*)

1

Guardo com zelo e ciúme o pequeno e precioso livro Bernardo de Carvalho, da autoria do padre Cláudio Melo, meu conterrâneo, editado pela Universidade Federal do Piauí em 1988. É uma brochura simples, humilde, desguarnecida de enfeites e ilustrações, em que se percebem imperfeições tipográficas ao longo de suas 61 páginas. Na folha de rosto, em letra miúda, mas bem legível, vê-se a seguinte dedicatória, sem data: “Ao Elmar, com a estima do Pe. Cláudio”.

Em 1993 assumi a presidência do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, órgão da Prefeitura de Teresina, que homenageia o ilustre historiador e nosso também conterrâneo Joaquim Raimundo Ferreira Chaves. Desde então passei a solicitar matérias historiográficas ao Pe. Cláudio Melo. Disso tiro a conclusão de que travei amizade com ele a partir do final dos anos 80 ou começo dos 90. Na segunda edição de meu opúsculo Cromos de Campo Maior, encontra-se desvanecedora apresentação de sua lavra, datada de 7 de setembro de 1995.

Recordo que quando ele me entregou o livro Bernardo de Carvalho, advertiu-me para que eu não o deixasse de ler e observou que o grande e último mestre de campo das Conquistas do Piauí e do Maranhão, fundador de cidades e igrejas, era a mais ilustre figura do Piauí colonial. Em seu livro constatei que ele fora “uma das mais gloriosas figuras de nossa História e o verdadeiro criador da unidade piauiense”, classificando-o como “herói das Conquistas e consolidador do Piauí”. Por conseguinte, lançou as bases administrativas e militares do que viria a ser a capitania, a província e o estado do Piauí.

Sem dúvida nas suas inovadoras e percucientes pesquisas, o padre Cláudio contribuiu para tirar do injusto esquecimento o velho e heroico marechal de campo. Contudo, tempos depois, verifiquei que o próprio livro do ilustre historiador já estava caindo no olvido, em virtude de sua edição acanhada e de reduzida tiragem, a que não se seguiu nenhuma reedição. Por esse motivo e também por causa da iconoclastia e menoscabo que se cometeram contra o grande Bernardo, fundamentado nessa obra pioneira e nas de outros historiadores, publiquei em 2012 o livro Bernardo de Carvalho – o fundador de Bitorocara.

Ao surgir uma obra que contrariava a tese de padre Cláudio, afirmando que a Fazenda Bitorocara, que dera origem a Campo Maior, não ficava situada no entorno dessa cidade, na confluência dos rios Surubim e Longá, reeditei o meu livro, em edição revista, melhorada e aumentada, pois tive acesso a novas obras e documentação. Foi uma bela edição da Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI, com a chancela da Academia Campomaiorense de Artes e Letras, em que tive o apoio das professoras Sílvia Melo e Jacqueline Dourado, na profícua gestão do reitor Arimatéia Dantas.

Acresci-lhe dois novos capítulos, um dos quais específico sobre a localização da velha fazenda de Bernardo, em que julgo haver demonstrado de forma peremptória e cabal, reforçando os argumentos de Cláudio Melo, que ela ficava mesmo nos arredores de onde hoje se ergue a imponente catedral de Santo Antônio do Surubim, cuja primeira igreja fora erguida por Bernardo, a pedido de seu parente, o padre Tomé de Carvalho.

2

A presente obra foi idealizada e organizada por Teresinha Queiroz, e contou com o apoio do conterrâneo Raimundo Nonato Monteiro de Santana, que conseguiu ajuda

financeira da Prefeitura de Campo Maior para a sua digitação, na gestão de João Félix de Andrade Filho. Teresinha, além da notável obra de sua autoria, mormente no campo da história social, tem se empenhado em resgatar importantes obras de há muito esgotadas, entre as quais a de Clodoaldo Freitas, R. N. Monteiro de Santana e mais recentemente as coligidas neste tomo.

Não sendo possível, no momento, a publicação da obra completa de Pe. Cláudio Melo, por diferentes motivos, foi concebido o vertente volume único de seus mais significativos trabalhos, quais sejam: O mártir dos Tacarijus, O povoamento do Piauí, O último berço dos Tacarijus, Os construtores de nossa história, Os jesuítas no Piauí, Os primórdios de nossa história, Arquidiocese de Teresina, A Diocese de Parnaíba – 50 anos de história, A prioridade do norte no povoamento do Piauí, As sesmarias da Casa da Torre no Piauí, Bernardo de Carvalho, Caxias no tempo das Aldeias Altas e Fé e civilização. Foram mantidos os prefácios e apresentações de todos os originais.

Desde que ingressei na Academia Piauiense de Letras, no ano de 2008, passei a reivindicar sua publicação. Na gestão do confrade Reginaldo Miranda e contando com a sua total anuência, tentei uma parceria com o Banco do Nordeste do Brasil, tendo feito algumas gestões nesse sentido, mas a excessiva exigência burocrática para a elaboração do projeto terminou inviabilizando esse objetivo.

O presidente Nelson Nery Costa, dando continuidade à Coleção Centenário, iniciada por Reginaldo Miranda, com vista à comemoração dos cem anos de nosso Sodalício, incluiu a vertente Obra Reunida de Pe. Cláudio Melo nessa importantíssima coleção de obras-primas da Literatura Piauiense. Como eu viesse “cobrando” com certa insistência a sua publicação, encarregou-me de lhe fazer a revisão.

Temi tão melindroso conquanto honroso encargo. Por isso, adotei alguns critérios para esse mister. Em transcrições, sobretudo de documentos, optei por não fazer a atualização ortográfica de vocábulos, exceto nos que já estão consagrados e dicionarizados. Contudo, mantive, como não poderia deixar de ser, as atualizações feitas pelo próprio autor, bem como não lhes substituí as palavras em desuso.

Na medida do possível, cotejei o material digitado com os originais que me foram entregues, para evitar erros de nomes de pessoas, de localidades e de datas. Todavia, julgo compreensível que alguma coisa possa ter fugido a esse cuidado.

Por outra parte, não foi possível localizar os originais de duas ou três obras, de modo que lhes fiz apenas uma revisão gramatical do material digitado, só lhes revendo o conteúdo em um ou dois casos de evidente equívoco historiográfico.

Deixo claro, portanto, que numa obra dessa dimensão e complexidade é quase impossível uma perfeita revisão, que talvez possa ser alcançada numa próxima edição, tendo esta como parâmetro.

3

Despojado de vaidade, embora tenha elaborado a biografia de ilustres personalidades da História do Piauí, Cláudio Melo nunca escreveu a sua própria, nem mesmo de forma sintética, nem tampouco, do meu conhecimento, concebeu obra autobiográfica, memorialística ou confessional.

Também desprovido de egoísmo, socializava as suas pesquisas, permitindo que outros historiadores utilizassem as suas anotações e registros, fruto do sacrifício de seu demorado labor em acervos sem conforto e muitas vezes remotos, de difícil acesso a piauienses. Estimulava os estudantes e pesquisadores a escreverem novas obras, inclusive contraditando-o, se fosse o caso, ou indo além do que ele alcançara desvendar. Todavia,

sempre propugnava pela verdade, pelo apego ao conjunto de documentos, e não a meras ilações ou suposições, sem fundamento em fontes idôneas e aceitáveis.

Nasceu na cidade de Campo Maior, em 2 de março de 1932. Além de sacerdote e historiador, foi professor da Universidade Federal do Piauí. Doutor em Sociologia pela universidade romana de São Tomás de Aquino. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho do Projeto Petrônio Portela. Exerceu a chefia do Patrimônio Artístico e Cultural do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Fora outras obras e artigos publicados em diversos periódicos (que dariam um belo volume), publicou os livros aqui enfeixados. Exerceu seu mister sacerdotal nos municípios de São Miguel do Tapuio, Campo Maior, São Pedro do Piauí e Teresina. Sobre os dois primeiros, escreveu importantes obras historiográficas, desde os seus primórdios.

Pe. Cláudio Melo é um historiador que prezava, sobretudo, a verdade e o contexto da época em que os fatos aconteceram, para não cometer injustiças e insolências com a figura histórica, ante eventuais anacronismos. Também não admitia certos modismos metodológicos e injustas iconoclastias. Assim, se insurgiu com altivez contra certos anacronismos, quando alguns afoitos “historiadores” detrataram e defenestraram importantes figuras históricas, sem levarem em conta a realidade, as leis, os costumes, as crenças, as credences e as superstições da época em que essas pessoas viveram.

Em busca da verdade histórica sacrificou sua saúde, seu tempo e cabedais. Segundo se sabe, mergulhou em desgastantes consultas a documentos, numa época em que eles não eram disponibilizados na internet. Por conseguinte, os consultou em diferentes e longínquos arquivos e acervos, entre os quais os de Portugal, Belém – PA e São Luís do Maranhão, fora os existentes em diferentes cidades do Piauí, tanto públicos, como eclesiásticos e particulares.

De inteligência arguta, sua capacidade argumentativa era invejável. Contudo, suas conclusões não eram tiradas de meras suposições e hipóteses, mas do cotejo de vários documentos. Como suas pesquisas, leituras e releituras se prolongaram por vários anos, desenvolvia e aperfeiçoava suas teses e ilações em obras posteriores, daí a enorme importância dessa Obra Reunida, porquanto o leitor e pesquisador poderá observar o conjunto e o progresso do seu importante trabalho historiográfico.

Tornou-se, com o avançar de suas pesquisas e obras, um dos mais importantes historiadores de nosso estado, quiçá o mais ilustre de nossos primórdios e de nossa historiografia colonial. Lançou luzes sobre muitos fatos desconhecidos ou obscuros, sobre muitos dos quais pairavam dúvidas e controvérsias, trazendo novos esclarecimentos e reinterpretações, mas, como disse, fundamentado em documentos, cuja localização indicava, transcrevendo-os em muitos trechos de sua vasta obra ou em seus anexos. Por via de consequência, muitos intelectuais que lhe torceram o nariz, no início de sua brilhante jornada historiográfica, passaram a lhe acatar as teses e tiveram que se curvar ante os seus incontestáveis argumentos.

O ilustre historiador não se preocupou em fazer um trabalho de mera divulgação (que também é importante), mas em trazer à luz da história fatos desconhecidos ou não perfeitamente desvendados de nosso passado mais remoto. Porfiou em esclarecer dúvidas, em desfazer equívocos e interpretações controvertidas. Portanto, foi à procura de documentos esconsos, ainda não manejados por nossos pesquisadores, que jaziam esquecidos em empoeirados e quase inacessíveis arquivos e acervos.

Com a publicação desta magnífica obra é feita justiça ao ilustre historiador Pe. Cláudio Melo, cujos livros se encontravam esgotados há mais de duas décadas. Tirou-se do esquecimento um dos maiores pesquisadores de nosso estado, ele que tirou do olvido os mais notáveis feitos e personalidades históricas do Piauí colonial.

Por conseguinte, a Coleção Centenário, nesta profícua gestão do presidente Nelson Nery Costa, atingiu um de seus muitos pontos áureos e culminantes.

() Prefácio à Obra Reunida (2019), coletânea que reúne quase todos os livros publicados pelo padre Cláudio Melo, campomaiorense, um dos mais notáveis historiadores do Piauí. Foi publicado pela Academia Piauiense de Letras, na terceira gestão de Nelson Nery Costa, integrando a Coleção Centenário. Além de lhe ter feito o prefácio, fui o seu revisor e lhe fiz a apresentação na solenidade de seu lançamento, na APL.*

QUEM TE ENSINOU A VOAR? (*)

José Francisco Marques

Professor, compositor e instrumentista

Remonto ao início dos anos 70, mais precisamente após o nosso escrete canarinho haver conquistado a tão cobiçada taça Jules Rimet. A nossa seleção (considerada ainda hoje por experts como a melhor de todas as seleções), despertou de maneira ainda mais efusiva e visível a simpatia por esse esporte. Assim, o futebol de várzea efervescia certamente por conta de tal feito.

Eu, não contrariando a toda uma geração, me deixei levar por essa “onda” futebolística. O meu primo/irmão João Bartolomeu Filho fundou na época um time de futebol amador, o qual denominou de Palmeiras. Era de fato um time bem organizado, com reuniões semanais, englobando todos os que faziam parte daquela equipe.

Organizou-se então um Campeonato que tinha como coordenador mor um jovem ao qual chamavam de Pedro Rocha, apelido que acredito ser uma alusão ao então famoso craque do São Paulo naquela época, cujo nome verdadeiro era Antônio Francisco Souza. A citada competição acontecia aos domingos, no Estádio Deusdete Melo.

Eu era uma espécie de faz tudo. O office boy da equipe por assim dizer. Lembro que, dentre as tarefas a mim delegadas, a que mais me deixava prazeroso era a de literalmente acordar o nosso atleta maior. Refiro-me ao mestre amigo, poeta, cronista, blogueiro dos mais famosos e imortal de várias academias, dentre elas a Piauiense de Letras, Elmar Carvalho, que representava, sem dúvida alguma, a peça que transmitia a toda equipe a segurança necessária. Assim o digo porque, enquanto eu não conseguisse completar a minha tarefa, lá no Estádio, o meu primo usava de todas as artimanhas possíveis para protelar o início do jogo, para iniciá-lo apenas quando o nosso guarda-metas chegasse.

Elmar era de fato um goleiro diferenciado. Elegante em suas defesas e de uma agilidade impressionante, pois muitas vezes arrancava aplausos (fato raríssimo entre expectadores desse nível futebolístico), da plateia que o assistia. Eu, entre orgulhoso e com um nítido sentimento de dever cumprido, sentia-me dentro do contexto feliz por ser parte, ainda que ínfima, desse espetáculo que dominicamente o nosso atleta oferecia.

Lembro-me, dentre outros feitos, de uma defesa antológica que Elmar praticou. Repassei, durante muito tempo, aos amigos que militavam na área esportiva, tal feito. Era uma espécie de semifinal ou algo parecido. O jogo estava duríssimo e o Palmeiras vencia por 1X0. O jogo já estava quase finalizando, quando o centroavante adversário acertou uma cabeçada no canto esquerdo, tendo o nosso goleiro, em um reflexo incrível, efetuado a defesa. A bola resvalou na trave. A pelota sobrou para outro atacante, que de primeira soltou um “torpedo”; o nosso arqueiro, usando de uma agilidade felina, conseguiu, no canto contrário, fazer uma defesa fenomenal. Mais tarde, ao ver uma defesa de Rojas, cognominado pela crônica esportiva, pela plasticidade de seus “voos”, de el condor, atuando no Santos (os mais afeitos ao futebol certamente lembrarão), é que pude estabelecer um comparativo com essa verdadeira façanha malabarística.

Elmar tornou-se um grande goleiro precocemente. Certa feita, ainda criança, jogava com alguns amigos em um campinho de futebol. A sua atuação despertou a atenção de um agricultor que por ali passava. Depois de seguidas defesas e voos, a espalmar a bola, o agricultor, não contendo a sua admiração e espanto, expressou em voz alta: “Meu Deus, parece um passarinzim”.

O lado intelectual falou mais alto, e assim o futebol perdeu um grande goleiro. A magistratura, por sua vez, ganhou um reforço substancial.

Mas, voltando às minhas memórias, jogo terminado, Elmar seguia, agora com alguns amigos, de volta ao seu lar (ou algum boteco), não sei ao certo, entre elogios e expressões de puro contentamento.

Hoje, depois de muitos anos, o mesmo jogador brilhante, que antes imitava com perfeição o voo dos pássaros em suas defesas acrobáticas, transporta-me em suas asas poéticas a voos ainda mais densos e infindos.

Mestre, humildemente vos pergunto: Quem te ensinou a voar?

Depois desta crônica, só me resta dizer, parafraseando o poeta Mário Quintana: Muitos goleiros passarão, eu passarinho.

Após a publicação desta crônica, recebi o seguinte e-mail do amigo Roberto Veloso, juiz federal e goleiro:

“Meu amigo Elmar,

Poeta maior piauiense da atualidade. Sua poesia se ombréia com os grandes poetas do Piauí: Torquato Neto, Da Costa e Silva, H. Dobal, este último seu conterrâneo da querida Campo Maior. Ao lado disso tudo, ainda teve a peripécia de ser goleiro, posição que tive a honra de enfrentar na minha juventude futebolística.

*Grande abraço,
Roberto Veloso”*

() Resolvi publicar esta crônica do Zé Francisco Marques porque ela mostra a faceta de uma quadra feliz e pouco conhecida de minha vida, e também porque se refere a meus tempos de adolescente em Campo Maior. Praticamente, encerrei minha “carreira” futebolística aos dezoito anos de idade, por motivos diversos, principalmente por causa de meu tempo tomado por estudo e trabalho, além de minha mudança para Parnaíba, em junho de 1975. Depois, só joguei em raras ocasiões, algumas delas no time da AMAPI. A última vez em que atuei como “golquíper” foi em 13 ou 14 de julho de 2010, aos 54 anos de idade, quando joguei no estádio Teixeira, em Regeneração, oportunidade em que, graças a Deus, tive ótimo desempenho, embora tenha ficado todo “quebrado” pela falta de constância na prática esportiva, em disputa organizada pelo Dr. Luzmanell Henrique Teixeira Absolon. Assim, preferi pendurar as chuteiras, ou melhor, arquivar as luvas de goleiro, com chave de ouro. Publiquei crônica na internet a respeito, sob o título de Despedida de Goleiro.*

ELMAR CARVALHO – O CIDADÃO, O MAGISTRADO E O INTELLECTUAL

Domingos José de Carvalho

Médico. Escritor Membro da ACALE e AMALPI

Pronunciamento feito na noite de autógrafos do livro “Confissões de um juiz”, da autoria de Elmar Carvalho, no dia 17 de abril de 2015 na Câmara Municipal de Campo Maior. Por uma especial lhaneza do autor, este texto foi publicado como um folheto.

Procuo resgatar nos escaninhos da memória, através de uma busca inglória, a data, mês e ano em que conheci Elmar Carvalho.

Afirmo ter pouco significado esse episódio. Mais importante foi sua realização, o primeiro encontro e a oportunidade de podermos incrementar nossos vínculos de amizade e apreço, alicerçados pelos laços de parentesco que, se não constituem motivo de orgulho, com certeza são motivo de alegria e admiração continuada.

Elmar nasceu em um lar de pais humildes, mas com sólida formação moral, ética e religiosa, que souberam transmitir aos filhos uma educação pautada na honradez, na lealdade, no respeito aos seus semelhantes, obediência aos idosos, união familiar, crença e adoração a Deus.

Filho de Miguel Arcângelo de Deus Carvalho e Rosália Maria de Mélo Carvalho, nasceu no dia 09.04.1956, em Campo Maior, depois sucedido por 07 irmãos. Contraiu núpcias com Maria de Fátima de Sousa Carvalho, tendo um casal de filhos, Elmara Cristina e João Miguel. Frequentou os bancos escolares do Grupo Escolar Valdivino Tito, Ginásio Santo Antônio, Colégio Estadual, em Campo Maior, de uma escola pública em José de Freitas e Liceu Piauiense em Teresina, bacharelando-se em Administração de Empresas na cidade de Parnaíba e, posteriormente, cursou Direito, recebendo diploma em Teresina pela UFPI.

No transcorrer de nossa existência vivemos momentos de doçura e de amargor.

Elmar enfrentou penosos e aflitivos momentos ao deparar-se com insidiosa e gravíssima doença por duas vezes. Conseguiu superá-la com destemor, obstinação, apoio da família e dos amigos, utilizando modernos meios terapêuticos, aliado a oração e acendrada fé em Deus. Hoje, recuperou o véu róseo da face, o sorriso alegre e acolhedor, o humor sadio e inteligente, o trato fidalgo, a cortesia e amabilidade, traços de uma personalidade marcante, cativando a todos que têm o privilégio do convívio e de sua amizade.

Como ele mesmo diz, não nasceu para ser empresário, sua vocação sempre foi ser servidor público, servir aos outros, a seus semelhantes, mostrando uma importante faceta de seu caráter: o desapego pela riqueza, contra a ambição de acumular bens materiais, desejava apenas conseguir um emprego que lhe possibilitasse o sustento digno de sua família.

Iniciou trabalhando como funcionário público na Empresa dos Correios e Telégrafos, como fez seu pai Miguel de Deus, zeloso e operoso funcionário que chegou a chefiar a Agência dos Correios em Parnaíba. Para ingressar nos Correios teve que fazer um curso de monitor postal em Recife, oportunidade de encontrar-se com a cidade de Gilberto Freire, cheia de casarões belos, de rios que a entrecortam, rica em história, cultura e artes, sensibilizando-o ao ponto de Elmar dedicar-lhe o expressivo poema RECIFE. Em agosto de 1982 pediu exoneração para ingressar nos

quadros da SUNAB como fiscal, após ter logrado aprovação em concurso que lhe ensejou um bom salário e melhor padrão de subsistência.

Sua formação jurídica falou mais alto, surgiu o concurso para juiz de Direito.

Conseguiu aprovação e assumiu uma nova, brilhante e espinhosa carreira.

Doravante seria um julgador, emitiria sentenças para dirimir conflitos nas mais variadas esferas: civil, penal, comercial e de família. Pelos seus pares foi escolhido orador na solenidade de posse como Magistrado, no dia 19.12.1997.

Naquele momento solene e determinante na sua vida, externou sua angústia ao questionar sobre o que seria mais importante, se a justiça, se a bondade, e ele mesmo solucionou essa inquietude ao afirmar que quem era bom era justo e quem era justo forçosamente teria que ser bom. Peregrinou por várias comarcas, começando por Piracuruca, seguindo para Socorro do Piauí, Inhuma, São Pedro, Curimatá e Teresina como juiz auxiliar ou substituto. Foi juiz titular em Ribeiro Gonçalves, Capitão de Campos, Regeneração e Oeiras.

Em todas essas comarcas Elmar deixou registrada sua marca como juiz probo, humilde, sereno e célere nos julgamentos, na ânsia de fazer chegar a justiça o mais rápido possível às partes litigantes.

Teve no tratamento cavalheiresco as portas escancaradas para um relacionamento respeitoso e participativo com todos: autoridades, servidores da justiça, advogados, Ministério Público, conseguindo, assim, influência e participação efetiva em todos os segmentos da sociedade, principalmente nas áreas da educação, artística e cultural, registrando também sua preocupação com a degradação do meio ambiente. Após 39 anos de atividade no setor público, achou que este ciclo de sua vida estava no ocaso. Sem alarde protocolou seu pedido de aposentadoria. Ficou na história da magistratura piauiense o legado de um juiz que vestiu a toga sem ostentação, sem arrogância, sem se curvar aos poderosos, comprometido em fazer justiça com serenidade, obedecendo aos ditames da lei. Se cometeu algum erro, debite-se à condição de ser humano, mas nunca por ter sido venal, corrupto ou intencionalmente injusto. Saiu pela porta da frente olhando a todos com altivez e com a consciência pacificada do dever cumprido e a alma livre, leve e solta do poeta que é.

Seus pendores de futebolista surgiram na juventude, como nos relata o professor José Francisco Marques na bonita crônica “QUEM TE ENSINOU A VOAR?”, que narra suas qualidades de excelente goleiro. Além da consanguinidade, nos aproxima ainda o fato de torcermos pelo Caiçara local e Flamengo do Rio de Janeiro, duas paixões compartilhadas.

Intelectual engajado, preocupado com as políticas ineficazes na conservação do meio ambiente, Elmar encetou campanha em defesa da preservação do rio Parnaíba, tendo recebido apoio de organizações ambientalistas, de academias de letras, órgãos públicos e setores diversos da sociedade, todos preocupados com a degradação de nossa mais importante artéria fluvial, responsável pelo povoamento de muitas cidades e escoamento de nossas riquezas.

Filho desta terra, preocupa-se com a preservação da nossa arquitetura, de locais históricos como o antigo cemitério, fazendas centenárias, igrejas e capelas, logradouros públicos, os quais fazem parte de sua luta pela conservação de um acervo cultural que temos a obrigação de

preservar, legando às gerações futuras a história da implantação dos primeiros núcleos humanos, a formação da economia baseada no criatório extensivo de gado, na agricultura rudimentar e no extrativismo, o que veio a formar com o decorrer de décadas a desenvolvida, bonita e acolhedora Campo Maior, polo econômico e cultural da região dos Carnaubais.

O pendor para as letras desabrochou no verdor de seus 10 anos. Foi paixão avassaladora, lia tudo com sofreguidão. Pouco tempo depois passou a escrever em jornais, aos 16 anos estreou no jornal A LUTA e com o decorrer dos anos escreveu nos jornais O Dia, O Estado, Folha do Litoral, Folha da Manhã, Meio Norte, Norte do Piauí, Almanaque da Parnaíba, revistas da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico de Oeiras.

No decorrer do tempo cada vez mais adentrou no mundo da intelectualidade, participando de inúmeros sodalícios, dentre os quais destacamos APL, ALVAL, AMALPI, ACALE, ACADEMIA DE LETRAS DE PARNAÍBA, Academia de Letras da Magistratura Piauiense, das Academias de Floriano, de Piripiri, do Médio Parnaíba, da Associação Nacional dos Escritores e da UBE-PI.

Participou de inúmeras obras coletivas e coautoria de outras tantas.

Citado em coletâneas e enciclopédias de vários autores.

Elmar Carvalho atingiu a maturidade intelectual, por isso tem cabedal suficiente para aventurar-se no conto, na crônica e na crítica literária, além de ser brilhante poeta.

Tocante a narrativa da convivência até o fenecer das cadelinhas Belinha e Anita. Da mesma forma, é comovente ao falar sobre a irmã Josélia e o cunhado José Henrique, prematuramente sugados desta dimensão terrena para os páramos insondáveis da eternidade. Merece destaque a dorida narrativa quando comovido expressa todo pesar e eternas saudades de sua bondosa e excelsa mãe Rosália.

Na poesia encontrou o filão mais primoroso para expressar toda sua sensibilidade. Não sou nem tenho a veleidade de ser crítico literário, falta-me embasamento para tanto, mas acompanho e concordo com aqueles críticos que o consideram um excepcional poeta.

Seus livros “Cromos de Campo Maior”, “Rosa dos Ventos Gerais”, “Lira dos Cinquentanos”, “Noturno de Oeiras” mostram o fulgor de sua inteligência privilegiada. A produção literária de Elmar Carvalho é eclética, rica em ensinamentos de ordem cívica, moral e reflete sua preocupação com o social e o meio ambiente, fruto de muito estudo e observação constante das mutações do comportamento da sociedade contemporânea, crítico incisivo do despreparo e do deplorável comportamento de muitos gestores públicos.

Como significa seu nome, é um oceano para ser estudado, pesquisado, principalmente para servir de exemplo como cidadão engajado nas lidas sociais, um intelectual dos mais brilhantes e fecundos, filho, irmão e pai de família amoroso, obediente e solidário. Maçom convicto, estudioso da história e filosofia da Augusta e Sublime Ordem, soberana nas prédicas pelo aperfeiçoamento ético, moral e espiritual do homem, certamente contribuiu para ornar o frontispício de muitas virtudes, norteando sua conduta retilínea, sem máculas, defendendo intransigentemente os postulados de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, pilastras doutrinárias na formação de homens livres e de bons costumes.

Seu nome está inserido no panteão dos mais destacados vates mafrensinos, ao lado de Da Costa e Silva, Celso Pinheiro, Hermínio Castelo Branco e, recentemente, de outro campomaioirenses, H. Dobal.

Gostaria, ao finalizar, de homenageá-lo, buscando nos textos sagrados do evangelista São João, quando em poema de rara beleza assim se expressa:

“E o verbo estava com Deus”

O que era o verbo? O verbo era a palavra, a poesia, que estava com Deus, e a poesia era Deus.

“Tudo foi feito por meio dele”

Por meio do verbo, da palavra, da poesia.

“E sem ele nada foi feito de tudo que existe”

Sem o verbo, sem a palavra, sem a poesia, nada existiria.

“Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.”

No verbo, na palavra, na poesia estava a vida. E a vida iluminava a humanidade.

Por isso no princípio era a poesia.

Rendo-me, como a grande maioria da intelectualidade piauiense, com a maior alegria e unguento de emoção, expressando os sentimentos mais puros de minh'alma, nesta noite memorável, para dizer que você, Elmar Carvalho, é o nosso POETA MAIOR.

SÍNTESE BIOGRÁFICA DE ELMAR CARVALHO

José Elmar de Mélo Carvalho nasceu em Campo Maior, em 09.04.56. Residiu por vários anos em Parnaíba, onde se formou em Administração de Empresas (UFPI). Reside em Teresina, desde 1982, onde se bacharelou em Direito (UFPI). Exerceu o cargo de Fiscal de Abastecimento e Preços, por concurso público. Filho de Miguel Arcângelo de Deus Carvalho e Rosália Maria de Mélo Carvalho. Casado com Fátima, com quem tem dois filhos: João Miguel e Elmara Cristina.

Colaborou com os seguintes jornais e revistas: A Luta, O Dia, Jornal da Manhã, O Estado, Meio Norte, Folha do Litoral, Norte do Piauí, Inovação, Almanaque da Parnaíba, Presença, Cadernos de Teresina, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, revistas do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras etc.

Participou das seguintes obras coletivas: Poesia do Campus, Salada Seleta, Em Três Tempos, Galopando, Poemágico, Poemari(t)imos, Poesia Teresinense Hoje, Postais da Cidade Verde, Andarilhos da Palavra (I e II), A Poesia Piauiense no Século XX, de Assis Brasil e Crônicas de Sempre, de Adrião Neto, entre outras. Coautor do livro A Poesia Parnaibana (2001), juntamente com Adrião Neto e Alcenor Candeira Filho. Organizador da obra coletiva Parnárias – poemas sobre Parnaíba, juntamente com Alcenor Candeira Filho e Inácio Marinheiro.

Autor dos livros Cromos de Campo Maior (1990 e 1995), Noturno de Oeiras (1994), Rosa dos Ventos Gerais (3 edições: 1996, 2002 e 2016), Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental (2000), Parnaíba no Coração (2006), Lira dos Cinquentanos (2006), Noturno de Oeiras e outras evocações (2009), Bernardo de Carvalho – o Fundador de Bitorocara (2012), Amar Amarante (2013), Confissões de um juiz (2014) e Histórias de Évora (2017).

Presidiu o Diretório Acadêmico 3 de Março e a União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI). Um dos fundadores do jornal mimeografado Abertura. Coordenador do espaço literário Textos e Pretextos, do suplemento do D.O.E.

É mencionado nos seguintes livros: Grande Dicionário Histórico-Biográfico Piauiense, de Wilson Carvalho Gonçalves, Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos, de Adrião Neto, Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, de Cláudio Bastos, Geração Campo Maior – anotações para uma enciclopédia, de Reginaldo Gonçalves de Lima, Aspectos da Literatura Piauiense, de Alcenor Candeira Filho, Visão Histórica da Literatura Piauiense, de Herculano Moraes, e Dicionário de Poetas Contemporâneas etc.

Nomeado Secretário de Cultura de Parnaíba, não assumiu a pasta por entraves burocráticos. Recebeu, entre outras, as seguintes honrarias e distinções: Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba (Instituto Histórico de Oeiras), Comenda do Mérito Da Costa e Silva (UBE/PI), Personalidade Cultural (UBE/RJ) e Comenda do Mérito Renascença do Piauí (Governo do Estado). Foi citado no livro Teoria e Prática da Crítica Literária, de Assis Brasil. Além de poeta, é contista, cronista e crítico literário.

Foi membro do Conselho Editorial da Universidade Federal do Piauí, coordenador de Literatura e Editoração e presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Membro da Academia Piauiense de Letras, da Academia Parnaibana de Letras – APAL, da Academia de Letras do Vale do Longá, da Academia Maçônica de Letras do Estado do Piauí, da Academia de Letras da Magistratura Piauiense, da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e Vale do Parnaíba, da Academia de Letras do Médio Parnaíba, da Academia de Ciências, Artes e Letras de Piri-piri e da Associação Nacional de Escritores - ANE. Sócio correspondente do Instituto Histórico de Oeiras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Membro do Conselho Estadual do Grande Oriente do Estado do Piauí.

Tem vários e-books publicados pelo sistema Amazon/KDP.

O seu livro Rosa dos Ventos Gerais (1ª edição) recebeu o Prêmio Ribeiro Couto (obra reunida), conferido pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro. Um de seus maiores

orgulhos é ter pertencido ao Movimento Social e Cultural Inovação, que editava o jornal de mesmo nome, cujo saga gloriosa narrou em ensaio, publicado na revista Cadernos de Teresina e no livro A Poesia Parnaibana. Titular do blog poetaelmar.blogspot.com. Juiz de Direito aposentado.